



INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE DESIGN

JULLIA ROBERTH BENFICA MONTALVÃO  
17/0014746

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Gorda sim, e daí?**  
**Feminismo, gordofobia e ativismos**

BRASÍLIA/ DF  
MAIO/ 2022

JULLIA ROBERTH BENFICA MONTALVÃO  
17/0014746

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Gorda sim, e daí?**  
**Feminismo, gordofobia e ativismos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a graduação no curso de Design. Sob orientação da Professora Daniela Fávoro Garrossini.

BRASÍLIA/ DF  
MAIO/ 2022

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todas as pesquisadoras e pesquisadores gordos que, antes de mim, ousaram desenvolver os temas abordados neste trabalho, por tratarem da temática do corpo gordo colocando-se como protagonistas ao fazer pesquisas.

Agradeço à minha mãe, Juliana Cássia Benfica, e ao meu pai Luciano Roberth da Silva Montalvão, que sempre estiveram ao meu lado em todas as horas, sendo a minha base. Ao meu companheiro de sonhos e lutas, Felipe dos Santos Fernandes, com quem compartilho tudo da vida.

Os meus irmãos, José Lucas Benfica Maciel e Eduardo Benfica Montalvão, estiveram ao meu lado em todos os momentos e sou extremamente grata pela vida deles, eles fazem tudo se tornar mais leve.

Com muito carinho, agradeço a minha amiga Bruna da Silva Lima, que me ajudou muito no trabalho, virou muitas noites me ajudando e confiou na minha ideia. À Camila Fuly Glatthardt, por ter topado ser a minha musa inspiradora, virando a personagem principal da história.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial a Isabela Cristine Leite de Souza, que mesmo de longe, é a minha melhor amiga e companheira.

Agradeço à professora e orientadora Daniela Garrossini, que fez essa proposta de projeto ser possível e me incentivou a dar o meu melhor.

Gratidão à Universidade de Brasília pelo acolhimento durante todos esses 5 anos sendo graduanda.

## RESUMO

A mulher gorda em seu cotidiano sofre com o preconceito e a gordofobia que a exclui e humilha constantemente. Dentro do movimento feminista a luta anti gordofobia é uma pauta presente, fazendo-se necessário entender estes conceitos e suas implicações. O presente trabalho possui o objetivo de explicar a história do feminismo e sua relação com a luta anti gordofobia, com a construção de um livro ilustrado que traz a perspectiva de uma mulher gorda, sobre suas vivências em uma sociedade gordofóbica. Para a construção deste material foi disponibilizado um formulário de perguntas para a personagem principal da história Camila Fuly Glatthardt. Com este material espera-se que os temas feminismo e gordofobia sejam discutidos e explicados de forma lúdica e de fácil compreensão, contribuindo e possibilitando o enfrentamento dessas formas de injustiça e preconceito.

**Palavras-Chave:** Mulheres Gordas/ Gordofobia/ Feminismo/ Ativismo Gordo/ Body Positive

## **ABSTRACT**

The fat woman in her daily life suffers from prejudice and fatphobia that excludes and humiliates her constantly. Within the feminist movement the fight against fatphobia is a present agenda, making it necessary to understand these concepts and their implications. The present work has the objective of explaining the history of feminism and its relationship with the fight against fatphobia, with the construction of an illustrated book that brings the perspective of a fat woman, about her experiences in a fatphobic society. For the construction of this material, a question form was made available for the main character of the story Camila Fuly Glatthardt. With this material it is expected that the themes of feminism and fatphobia will be discussed and explained in a playful and easy to understand way, contributing and enabling the confrontation of these forms of injustice and prejudice.

**Keywords:** Fat Women/ Fatphobia/ Feminism/ Fat Activism/ Body Positive

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Livro: De olho nela, por Kate Stayman-London.....	24
Figura 2. Livro: A gorda, por Isabela Figueiredo.....	25
Figura 3. Livro: De gorda a Plus Size, por Aliana Aires.....	25
Figura 4. Livro: Fat Chance Charlie Vega, por Crystal Maldonado.....	26
Figura 5. Primeira página do formulário para criação de personagem.....	27
Figura 6. Identidade visual do livro (Assinaturas verticais e horizontais).....	31
Figura 7. Tipografia utilizada no logotipo.....	31
Figura 8. Tipografia utilizada no logotipo.....	32
Figura 9. Tipografia utilizada nos títulos e corpo do texto.....	32
Figura 10. Seleção de cores utilizadas no livro.....	33
Figura 11. Capa do livro “Gorda sim, e daí?”.....	34
Figura 12. Folha de guarda do livro.....	35
Figura 13. Grid apresentado na parte 4 do livro Gorda sim e daí?.....	36
Figura 14. Mockup das páginas do livro com modelo de citação.....	37
Figura 15. Ilustração da personagem principal da história, Camila Fuly Glatthardt..	37
Figura 16. Ilustração de Camila Fuly Glatthardt simbolizando resistência.....	38
Figura 17. Ilustração de Camila Fuly Glatthardt simbolizando oposição à gordofobia .....	39
Figura 18. Mockup com 3 capas do livro Gorda sim, e daí?.....	41

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2- OBJETIVOS</b> .....	9
<b>3- JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>4- CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	11
4.1- Design ativista.....	11
4.2- Conceito e História do Feminismo no cenário internacional e no Brasil.....	13
4.3- A história do corpo gordo.....	15
4.4- Fechamento entre os dois pontos.....	16
4.5- Luta anti gordofobia.....	17
4.6- Você está sempre gordofóbico quando.....	19
4.7- Body Positive.....	19
4.8- Saúde e a gordofobia médica.....	20
4.9- Ser gorda em uma sociedade lipofóbica.....	22
4.10- Acessibilidade.....	23
<b>5- IDEIAÇÃO E MÉTODO</b> .....	24
5.1- Naming.....	28
5.2- Identidade visual.....	30
5.2.1- Logotipo.....	31
5.2.2- Paleta de cores.....	33
<b>6- PRODUTO FINAL</b> .....	34
6.1- Grid e Citações.....	35
6.2- Partes do livro.....	37
6.3- Material.....	40
<b>7- CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>8- REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>9- ANEXOS</b> .....	47

## 1- INTRODUÇÃO

Para entender o design ativista, a importância do feminismo e como a luta anti gordofobia está atrelada a ele, precisamos conhecer a história desses movimentos. As mulheres tiveram inúmeras conquistas nas últimas décadas, mas apesar dessas conquistas, ainda vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, onde ainda se tolera muitas injustiças, e dentro dessas injustiças está a falta de abordagem da pauta "gordofobia", que ainda não é um assunto primário nas narrativas feministas.

A mulher gorda em seu cotidiano sofre o peso do preconceito e da gordofobia que exclui e causa dor a esta mulher. Não ter o corpo da Barbie faz com que essa mulher seja rejeitada, odiada e repulsiva. Além do padrão de beleza estabelecido sem nenhuma consideração com as características individuais de cada mulher, totalmente utópico e inalcançável, existe a falta de oportunidade e acesso em diversos ambientes sofridos pela gorda.



## 2- OBJETIVOS

### GERAL

- Conhecer a história do feminismo e sua relação com a luta anti gordofobia, mostrando o design ativista.

### ESPECÍFICOS

- Caracterizar a gordofobia e suas formas de apresentação, bem como os movimentos que lutam contra essa forma de preconceito.
- Analisar a questão de ser gorda em uma sociedade lipofóbica e descrever os aspectos de acessibilidade à mulher gorda.
- Desenvolver um material ilustrado em formato de livro, para contar a história do feminismo e suas relações com a luta anti gordofobia a partir da perspectiva de uma mulher gorda.

## 1- JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se baseia na necessidade de discussão e reflexão a respeito do tema gordofobia, que é expressa na sociedade de diversas formas e que não acarreta em consequências somente de rejeição estética ao corpo gordo, mas também, resulta em exclusão e falta de acessibilidade para esses corpos.

Durante a vida toda passei pela gordofobia, lembro-me de quando tinha uns 9 anos de idade, e as minhas colegas de classe não queriam que eu participasse da apresentação da escola por ser gorda, e a roupa que elas usariam na apresentação não era adequada para meu corpo. Logo de cara fiquei muito chateada com o comentário das colegas, mas não desisti, falei que ia participar e implorei até conseguir. Isso mesmo! Apresentei a coreografia do RBD (Banda Rebeldes) de camisa social branca amarrada (virando um cropped), mini saia jeans e bota sim! E arrasei. Mas apesar do sucesso nessa história, tenho muitas outras que são mais para chorar do que para rir, e sim, precisamos urgentemente falar sobre esse assunto, o mundo todo precisa nos ouvir.

Espera-se que este trabalho contribua para fornecer conhecimento a respeito de tais pautas ativistas, possibilitando o enfrentamento dessas formas de injustiça e preconceito.

## 4- CONTEXTUALIZAÇÃO

Reflexões pessoais sobre o modo de vida de uma mulher gorda, foram inquietações precursoras da pesquisa. Como descrito por Jimenez e Silva (2021, p 329), a pauta anti-gordofobia, na sociedade “passa necessariamente pela discussão feminista, mesmo que, pessoalmente, não se identifique esta ligação.”

Desse modo, iniciamos a contextualização trazendo a importância do design ativista, e após, abordamos sobre o conceito e a história do feminismo para, em seguida, apresentar qual é a relação do mesmo com a luta anti gordofobia.

### 4.1 Design ativista

Bomfim (1997, p. 9), esclarece que a palavra “design”:

[...] do latim *designare*, significa desenvolver, conceber. Aparece no século XVIII na Inglaterra, como tradução do termo *desegno*, mas só com a Revolução Industrial passou a caracterizar uma atividade específica no processo de desenvolvimento de produtos. (BOMFIM, 1997, p. 9).

No Dicionário da Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), a palavra *ativismo* indica a atitude que assume como princípio a subordinação de todos os valores, inclusive a verdade, às exigências da ação, isto é, ao êxito ou ao sucesso da ação (quase sempre, a ação política). O conceito de *ativismo* está ligado à ideia de ações coletivas que envolvem formas de protesto. É uma ação política indireta não-institucionalizada, onde as ações não são coordenadas pelas organizações sociais tradicionais como governo, sindicatos ou partidos políticos (ASSIS, 2006).

Situar o design no ativismo, para Albuquerque (2018, p. 14):

[...] é entendê-lo como ferramenta usada para transmitir novas ideias e conceitos, deslocando-o da esfera do capital e do mercado para o mundo da informação, da mudança de hábitos e da transgressão. Segundo o texto de introdução do congresso “Design Activism and Social Change”, realizado em setembro de 2011 em Barcelona, o design ativista emergiu recentemente como um termo denotador de práticas criativas que evocam atividades políticas, sociais e ambientais. Ele se afasta das correntes comerciais que se dedicam a abordagens massificadas e abraça o marginal, o não lucrativo, as articulações e ações de design politicamente engajadas. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 14).

O design serve como instrumento para modificar, deslocar e subverter significados e essa produção imagética se insere na estrutura social, procurando criar novas identidades e símbolos, levantando questionamentos sobre como podemos alterar as condições e modos de nossas vidas. E assim, coloca em xeque decisões hegemônicas, buscando a igualdade democrática de direito. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 15)

Jordan (2002) defende como ativismo político as ações coletivas que demandam transgressão e solidariedade. Por transgressão, o autor entende como prática de oposição a certa condição social, com vistas a sua transformação, “a transgressão é essencial ao ativismo porque a ação coletiva exige mudanças (JORDAN, 2002, p. 11)”.

Para Albuquerque (2018, p. 44), o ativista está sendo inserido num contexto coletivo:

[...] a colaboração é uma ferramenta necessária para se chegar aos objetivos comuns e a ideia de associativismo segue espontânea e às vezes até virtual. Nesse contexto, o design se destaca como ferramenta para facilitar a comunicação e divulgação ativista. Símbolos, ícones e bandeiras servem para caracterizar movimentos e representar ideologias, infiltrando-se no imaginário popular. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 44)

Diante disso, percebemos que o design ativista procura uma conexão e intervenção no cotidiano das pessoas a partir de uma visão coletiva que converge para um mesmo questionamento social. As brechas se abrem quando essa resistência se forma, utilizando a comunicação visual, a arte e o design a partir de uma visão contemporânea e crítica do mundo.

#### **4.2 Conceito e História do Feminismo no cenário internacional e no Brasil**

O feminismo, para Alves e Pitanguy (2017, p. 9) , é um movimento que, dentre suas diversas características:

[...] busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES E PITANGUY, 2017, p. 9).

Garcia (2018, p. 13), destaca que:

[...] o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim (GARCIA, 2018, p. 13).

Para compreender a lógica do feminismo e compreender as diversas características que o compõem, é necessário entender os eventos que marcaram a história do movimento feminista.

No que se refere ao parâmetro internacional, Oliveira e Cassab (2014) destacam que o movimento teve surgimento com o contexto das ideias iluministas, com a Revolução Francesa e Americana, para requerer direitos tanto sociais como políticos, com foco voltado para a luta sufragista, por meio da mobilização de mulheres de diversos países. Desta forma, as primeiras ideias feministas apareceram em um momento que foi denominado modernidade, em que, neste contexto, ocorriam transformações políticas e econômicas, intensificando-se no século XIX como instrumento crítico e também reivindicatório (OLIVEIRA,CASSAB, 2014).

As particularidades de cada acontecimento durante a ascensão do feminismo implica na divisão da história em fases. Conforme Oliveira e Cassab (2014), durante o século XIX no Brasil, muitas mulheres faziam parte da força de trabalho empregada, ocupando assim as indústrias, levando ao surgimento mais nítido dos direitos das mulheres. Já no século XX passou por divergências e algumas mudanças e com o golpe militar de 1964 o movimento feminista foi proibido de manifestar-se (OLIVEIRA,CASSAB, 2014).

Ao final da primeira fase, a publicação do livro da escritora francesa Simone de Beauvoir “O segundo sexo” trouxe indagações a respeito das condições em que mulheres eram submetidas na sociedade e colaborou com as considerações feministas na década de 1960 (SARTI, 2004).

Segundo Marques e Xavier (2018) a segunda fase se inicia após a guerra, com o surgimento de pensamentos a respeito da situação das mulheres na esfera social e no âmbito doméstico, intensificando questionamentos sobre papéis de gênero.

O movimento feminista durante a segunda fase, abordava temas relacionados a opressão sofrida pelas mulheres, a sexualidade e relacionados ao contexto cultural, dominação e gênero (MARQUES, XAVIER, 2018).

Marques e Xavier (2018) descrevem que a terceira onda teve como marco a elucidação da existência de uma pluralidade feminina, que cooperou com o surgimento de

vertentes que pudessem retratar e levar em consideração as especificidades de cada mulher, incluindo classe social, raça e local.

Importantes marcos e conquistas do movimento feminista na história:

- Lei que permitiu acesso à educação (1827).
- Primeiro jornal feminino (1852).
- Primeiro partido político (1910).
- Direito ao voto (1932).
- Criação do estatuto da mulher casada (1962).
- Lei maria da penha (2006).
- Lei do feminicídio (2015).
- Lei que tipifica os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro (2018).

### **4.3 A história do corpo gordo**

Conforme Nechar (2018), o sujeito gordo se torna “incapaz, mole e inerte” no século XVII. O corpo passa a receber olhares mais críticos, principalmente no que diz respeito ao problema com o peso e no século XVII a imagem corporal é tão avaliada quanto a imagem da face. (NECHAR, 2018). A autora descreve que no século XIX corpos sem gordura passaram a ser destaque, por meio das dietas. Açúcar, farinha e amido, anteriormente tidos como fonte de energia, tornaram-se obrigatoriamente restringidos da rotina alimentar (NECHAR 2018).

Nechar destaca ainda que:

A partir do final do século XIX, o corpo gordo se torna monstruoso, a gordura passa a ser considerada anomalia e os gordos são expostos em feiras e circos, conhecidos como freak show (show de aberrações), como uma atração de aberração, por isso a monstruosidade (NECHAR, 2018, p. 3).

No contexto consumista em que se encontra a sociedade, o corpo se tornou um produto que pode ser comprado, consumido e vendido de muitas formas (LORENSONI, ZAMBOM, ROCHA, 2012).

Conforme Pereira (2020), aquele que possui um peso que não é socialmente adequado é visto com imagem negativa. A cultura que valoriza a magreza fez com que a obesidade se tornasse sinônimo de ruína moral. O corpo acima do peso, na maioria das vezes revela desleixo, descuido, preguiça e falta de disciplina (PEREIRA, 2020).

Garcia (2020, p. 9), descreve que “além de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos como ditadores e reguladores da beleza feminina, a busca pela magreza é cada vez mais estampada em capas de revista, jornais, programas de televisão e desfiles de moda.”

Dentre os diversos mecanismos e procedimentos oferecidos para alcance do emagrecimento está a cirurgia bariátrica que, tem maior disponibilidade em redes particulares para pessoas que têm plano de saúde, fazendo com que seja um procedimento elitizado e de difícil acesso para quem não tem dinheiro. Outro contexto é o do universo fitness onde alimentos diversos ditos como integrais e lights se limitam, pelo preço elevado que têm, para quem tem condições de comprar. Portanto, aquilo que se come, veste e procedimentos que são realizados para “cuidar” do corpo são limitados pela condição financeira. Entende-se que, o corpo magro, além de relacionado ao que é bom e saudável relaciona-se também ao nobre, rico (JIMENEZ 2020a, p. 159-162).

#### **4.4 Fechamento entre os dois pontos**

Entende-se que a luta feminista, dentre as diversas pautas que abrange, permeia também a questão da pressão exercida sobre a mulher de estar “em forma”, dentro do corpo ideal culturalmente construído pela sociedade, e do maior peso de julgamento ao corpo gordo se este for feminino.



Jimenez (2021, p. 3) afirma que a estigmatização de corpos gordos ocorrem com todas as pessoas, porém as mulheres são mais afetadas visto que a sociedade atual constitui um modelo patriarcal e valoriza a beleza e a saúde da mulher se estiver inserida no padrão magro de corpo.

Arruda (2021, p. 82) cita que “a dualidade homem-mulher e a conseqüente relação de superioridade do masculino sobre o feminino é um dos aspectos que podem ser considerados como raiz da patrulha ao nosso corpo.”

#### **4.5 Luta anti gordofobia**

Vaz (2017) disserta que gordofobia quer dizer repulsa à gordura. Esta se demonstra no temor que atualmente as pessoas têm de ganhar peso, e por outro lado, no despreço voltado para pessoas acima do peso.

A gordofobia, segundo Mendonça (2019, p. 174), destina-se ao corpo que é diariamente e constantemente rejeitado em diversos âmbitos e esferas sociais, nos relacionamentos, nas chances de emprego, entre outros contextos, por causa da aparência.

Arruda (2021, p.80) destaca:

[...] dizer que gordofobia não existe ou justificá-la a partir da preocupação com a saúde aponta para a hipocrisia desse discurso, uma vez que, justamente tentando se encaixar na normatização magra, cada vez mais pessoas passam por uma sorte de situações que podem levar, inclusive, à morte. ARRUDA 2021, p. 80

Mendonça (2019) aponta ainda que:

Um dos traços da gordofobia é a coisificação dos nossos corpos e a “fetichização positiva”, de modo que as grandes afetadas são as mulheres, e, se for pensar em mulheres negras, é notável uma hipersexualização já enraizada desse corpo, que é tratado como um brinquedo, como estepe, como um objeto. (MENDONÇA, 2019, p.174)

Na atualidade, com a presença da internet, corpos sexualizados são divulgados e comercializados em diversas plataformas digitais. Pesquisas mostram que o corpo de mulheres gordas, outra hora rejeitados na sociedade, quando em ambiente privado como na internet, são requisitados e escolhidos como objeto de prazer e satisfação sexual. O corpo gordo e comidas gordurosas muito temidas, no contexto da pornografia, são vistos e apreciados. O desejo erótico e a busca por mulheres gordas está atrelado a excessos, seja pelo tamanho do corpo, seja pela abundância alimentar, onde muitos filmes introduzem alimentos como estimulador erótico para as cenas com estas mulheres (JIMENEZ 2020b, p. 149-150).

Insultos gordofóbicos podem ser descarados e imperceptíveis, e como forma de proteção a pessoa gorda torna-se acanhada, fechada, levando à diminuição de possibilidade de socialização (ARRUDA 2021, p. 84).

O “Fat liberation manifesto” foi o primeiro documento que trouxe à luz questionamentos do ativismo gordo, este foi escrito por Judy Freespirit e Aldebaran em novembro de 1973, duas ativistas gordas e feministas radicais, que faziam parte do “Fat Underground” (RANGEL, 2017, p. 3).

Tomar consciência sobre o corpo que possui e sobre libertar-se de um sistema que causa infelicidade é, também, uma luta presente no movimento feminista (JIMENEZ e SILVA, 2021 p. 329).

No estudo de Jimenez (2020a, p.159) onde foram colhidos relatos de mulheres gordas, a autora constata que:

Muitas falas vêm ao encontro de que o ativismo gordo salvou suas vidas, mudou a sua maneira de pensar e ver seu próprio corpo, ajudou a sair da concepção de corpos dóceis e fragilizados que Foucault anunciou. E se libertar de uma episteme colonialista e patriarcal é libertar-se da culpa de ser dissidente, criando um novo modo de entender nossos corpos (JIMENEZ, 2020a, p. 159).

Mendonça (2019) aponta que:

Um dos traços da gordofobia é a coisificação dos nossos corpos e a “fetichização positiva”, de modo que as grandes afetadas são as mulheres, e, se for pensar em mulheres negras, é notável uma hipersexualização já enraizada desse corpo, que é tratado como um brinquedo, como estepe, como um objeto. (MENDONÇA, 2019, p.174)

#### **4.6 Você está sendo gordofóbico quando**

Lima (2018, p. 27) aborda alguns exemplos a respeito da gordofobia no cotidiano:

Pessoas que manifestam extrema aversão à comida, com o medo do ganho de peso, não notam, mas são gordofóbicas. Outras que fazem julgamentos negativos ao estilo de vida dos obesos, observam e comentam seus hábitos alimentares de forma constrangedora e depreciativa, ou que se julgam ter intimidade para poder "dar dicas", como se ninguém os tivesse alertado antes, também manifestam gordofobia. Isso nada mais é que uma alegação para utilizar todos esses comportamentos intrusivos como justificativas de uma falsa preocupação com a saúde do outro. Aqueles que têm "pena" dos gordinhos ou associam o descaso com a saúde ao excesso de peso estão sendo também gordofóbicos. (LIMA, 2018, p. 27)

Tentar ridicularizar alguém que está acima do peso, fazer com que essa pessoa se sinta mal sendo alvo de piadas e falta de respeito, são exemplos escancarados da gordofobia.

#### **4.7 Body Positive**

Para Mendonça (2019, p. 173) Body Positive, se traduzida no sentido literal, seria “corpo positivo” ou mesmo “positividade corporal”, significando um movimento que objetiva estimular amor próprio, a multiplicidade de corpos e suas belezas singulares.

Dias (2021, p. 161) fala sobre a abrangência do movimento Body Positive:

Apesar do body positive estar muito mais relacionado a pressão estética isto é, uma opressão que atinge a todos os corpos para acompanharem, buscarem e conquistarem o padrão estético vigente, há várias pessoas gordas que se identificam e fazem parte do movimento (DIAS, 2021, p.161).

O Body positive tem crescido por meio da internet e surgiram muitos blogs pessoais, sites e perfis no instagram, canais no YouTube, todos compostos por pessoas que militam a respeito do movimento body positive ou outro tipo de ativismo que estimula a aceitação do corpo (DIAS, 2021, p.161).

É possível fazer relações entre o body positive e o ativismo gordo, mas não se pode afirmar que são as mesmas lutas, neste caso, é importante conhecer ambas as causas para não confundí-las. Body positive é para todos os corpos, a luta é contra o padrão de beleza relacionado também à moda, às características únicas de beleza de cada pessoa e relacionado também à autoestima. Já o ativismo gordo vai além de aceitar o corpo que você tem, o ativismo se posiciona contra o ódio e repulsa ao corpo gordo, contra a patologização e falta de acessibilidade que é constantemente direcionada a estes corpos (JIMENEZ, 2020c).

#### **4.8 Saúde e a gordofobia médica**

No ano de 2005 a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou uma pandemia de obesidade, claramente, algumas indústrias em específico passaram a se interessar nesta afirmação, como o mercado farmacêutico, cosmético e alimentício (VIANNA, 2018, p. 101).

Em seu estudo, Vianna (2018, p. 97) discorre a respeito da definição de obesidade:

A obesidade é conceituada como uma doença crônica de etiologia multifatorial (fatores genéticos, econômicos, culturais, sociais,

ambientais e políticos) caracterizada pelo excesso de gordura no corpo, sendo que os determinantes básicos para as doenças crônicas são reflexos das mudanças sociais, econômicas e culturais. (VIANNA, 2018, p. 97)

Segundo Lima (2018 p. 27) há um conceito equivocado de que pessoas magras são, por natureza, saudáveis e pessoas gordas não o são.

Estar acima do peso passou a ser vinculado a muitas doenças, acumular gordura tornou-se símbolo de doença e ser gordo era uma ameaça. No século XX a pessoa gorda virou obesa, doente e representante de dor e falta de sucesso (DIAS, 2021, p.166).

Silva (2021, p. 3) traz a seguinte abordagem a respeito da patologização do corpo de pessoas gordas:

É possível perceber a manutenção da gordofobia através da patologização do corpo gordo, que ocorre principalmente por meio do saber médico institucionalizado, o qual define o que é saudável ou não e que considera o Índice de Massa Corpórea (IMC) como fator determinante para a obesidade, ou seja, a forma desses corpos (Silva, 2021, p. 3).

Rangel (2017, p.2) classifica uma das 5 abordagens de Lupton (2013) a respeito de estudos sobre a gordura corporal da seguinte forma:

[...] ser gordo/a não necessariamente significa estar doente, estando em risco apenas as pessoas com obesidade mórbida pelo IMC, atividades físicas regulares são mais importantes para a saúde do que a massa corporal, gordura corporal é um sintoma e não uma doença, dietas podem ser prejudiciais à saúde (Rangel, 2017, p.2).

#### 4.9 Ser gorda em uma sociedade lipofóbica

De acordo com o dicionário Dicio (Dicionário Online de Português), o termo lipofóbico, vem de lipofobia; lipo + fóbico, que tem aversão à gordura, ao que é gordo: a cultura lipofóbica intensifica distúrbios alimentares relacionados com a aparência.

Para Pereira (2016, p.4) nenhuma pessoa nasce repudiando e ofendendo mulheres gordas pois isto não está relacionado ao contexto biológico, mas sim, social. Desde pequenos, aprendemos que o corpo magro simboliza realização social e notoriedade.

Arruda (2021, p. 86) destaca que:

[...]identifica-se um processo de retroação entre o estigma do peso do corpo feminino na sociedade contemporânea e a mídia, que trata a mulher gorda ora como alívio cômico, ora como estepe para o personagem principal, ora como personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético ou errado, ora como a eterna romântica e solteirona. (ARRUDA 2021 p.86)

Ser mulher e gorda na sociedade contemporânea significa sofrer pressão estética em diversos níveis. Quer dizer perder uma vaga de emprego, não possuir acesso, olhares de aversão por parte de desconhecidos, significa que existe um passe livre nas mãos da sociedade para livremente julgar seu corpo e como desculpa afirmar preocupação com a saúde do indivíduo. (PEREIRA e OLIVEIRA, 2016, p. 3)

Em seu estudo, Jimenez (2020a, p. 159) reforça ainda que:

É uma questão de reconhecer que, da maneira que vivamos/vivemos, já não era/é mais possível, ou seja, odiando-nos, seguindo as normas e tentando reconstruir um corpo que insistia/insiste em ser gordo e rebelde às regras estabelecidas - até nos encontrarmos com nossos e outros corpos gordos de outra forma, quando a desconstrução do que é um corpo belo, saudável e aceito na sociedade foi/é colocada em embate político (JIMENEZ, 2020a, p. 159).

Existe a discussão no Brasil a respeito da qualificação “Gordas Menores” e “Gordas Maiores”, possibilitando assim, escancarar a opressão ainda mais firme sobre a “gorda maior”. Quanto mais gorda, maior a gordofobia e falta de acessibilidade sofrida, logo, algumas mulheres gordas sofrem mais e outras menos, mesmo assim, todas sofrem. Pautas como beleza, auto aceitação e moda alcançam mais mulheres e consequentemente, vendem mais. Nesse sentido, as gordas maiores acabam se tornando invisíveis (JIMENEZ 2020b, p. 177).

#### **4.10 Acessibilidade**

Segundo Jimenez e Silva (2021, p. 329), é normal ler ou ouvir relatos de pessoas gordas que passaram por situações de humilhação em diversos locais como em casa, na rua, nos transportes públicos, no trabalho, hospitais, aviões, lojas de roupas, muitas vezes por pesarem muito, não servir nas roupas, não caber em cadeiras e poltronas, não conseguir passar por catracas e etc.

Jimenez (2021, p. 5) explica ainda que:

A gordofobia da e na família pode acontecer de diversas maneiras, mas está centrado em não aceitar o familiar gordo, já que se acredita que ele é gordo por ser preguiçoso, folgado, incapaz, sujo e, portanto, é visto como causador de vergonha aos demais membros do grupo familiar. Dessa maneira, o grupo ou alguns indivíduos rejeitam a presença da pessoa gorda nas celebrações, na mesa, em viagens, fotografias, reuniões, etc. (JIMENEZ, 2021, p. 5)

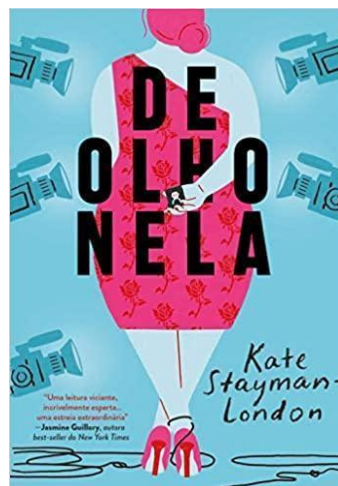
Para Matos (2021, p.144) não há, no comércio, preocupação em fabricar roupas para pessoas gordas, mas, ao mesmo tempo, empenha-se em criar tratamentos para fazer com que a pessoa gorda fique magra. Pessoas acima do peso, em especial, mulheres, não são capazes de consumir com facilidade, visto que, nem todas as lojas possuem roupas que caibam nesses corpos. (MATOS, 2012, p. 145)

## 5- IDEAÇÃO E MÉTODO

A escolha e idealização do projeto gráfico foi um desejo pessoal de longos tempos, pois, quase nunca é visto uma personagem da história de um livro, de um filme, ou de qualquer outro protagonismo, ser gorda. Em uma breve pesquisa, foram encontrados livros, filmes e séries sobre a temática, porém, é uma área pouquíssimo explorada, quase não havendo referências, e das poucas que tem, algumas possuem uma abordagem que pode ser considerada preconceituosa. A partir disso, veio então a ideia de criar um livro informativo ilustrado sobre as lutas diárias de uma mulher gorda. Algumas das poucas referências de livros encontradas, e que possuem um bom conteúdo para leitura acerca do tema, são:

De olho nela (Figura 1), escrito por Kate Stayman London, conta a história de uma blogueira de moda plus size chamada Bea Schumacher, que tem uma vida perfeita, porém, o seu coração foi partido. Ela acompanha na televisão um reality show chamado “É pra casar”, que passa semanalmente. No futuro ela é convidada para ser a estrela desse reality. No início fica indecisa, mas depois ela aceita com o propósito de inspirar outras mulheres a se aceitarem, devido a representatividade.

Figura 1. Livro: De olho nela, por Kate Stayman-London



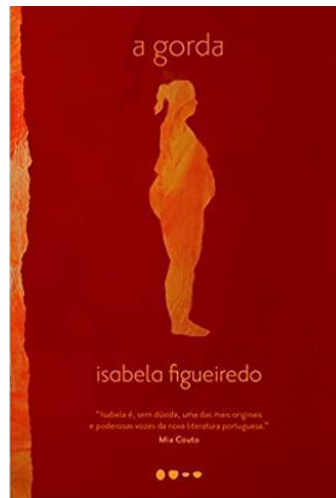
Fonte: Companhia das letras (2022)

A gorda (Figura 2), escrito por Isabela Figueiredo, conta a história de Maria Luiza, uma



adolescente gorda que passa pelo preconceito silenciosamente, sofrendo com piadas e insultos dos seus colegas de classe. Maria é uma pessoa maravilhosa, porém muitas questões pessoais estão em jogo por conta de sua imagem.

Figura 2. Livro: A gorda, por Isabela Figueiredo



Fonte: Tag livros (2022)

O livro, De gorda a Plus Size (Figura 3), escrito por Aliana Aires, trata sobre a moda plus size, que é um mercado pouco explorado e reconhecido, mostrando a sua importância e como a falta de abordagem do assunto prejudica.

Figura 3. Livro: De gorda a Plus Size, por Aliana Aires



Fonte: Estação das cores e letras (2022)

Fat Chance Charlie Vega (Figura 4), escrito por Crystal Maldonado, surpreendeu muitas pessoas, o romance adolescente fala sobre Charlie, uma garota gorda, latina e negra que passa por conflitos, no livro é apontado diversos momentos em que a personagem sofre gordofobia, e como ela lida com os desafios.

Figura 4. Livro: Fat Chance Charlie Vega, por Crystal Maldonado



Fonte: Cortesia de Holiday House Publishing, Inc. (2022)

Pesquisar o que foi e está sendo produzido graficamente no ambiente ativista, além da análise de trabalhos que inspiraram gerações, pode trazer luz às questões da subjetividade humana como poder, dominação, liberdade e comunicação. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 15).

Atualmente, nas mídias sociais, as influenciadoras digitais gordas têm abordado sobre os diversos temas inseridos no ativismo gordo, e como inspiração a influenciadora Camila Fuly Glatthardt foi convidada para representar essas mulheres. A mesma, aceitou o convite e assinou o termo de Cessão de Uso de Imagem e/ou de voz para fins científicos e acadêmicos. Após a assinatura, foi feito um formulário e uma entrevista pelo aplicativo de chamada de vídeo, o Google Meet, para conhecê-la melhor e coletar o conteúdo necessário para o livro.

O formulário (Figura 5) foi dividido em 3 camadas. A primeira camada trata-se do exterior, está relacionada à aparência física e porte da personagem. Na segunda camada foi tratado sobre os arredores, ou seja, perguntas relacionadas ao passado e experiências da personagem. A terceira camada trata sobre o núcleo, que busca informações sobre as características psicológicas da personagem. Esse formulário foi baseado no roteiro para criação de personagem publicado na Bibliomundi, porém, foram feitas algumas adaptações e alterações para que funcionasse nesse projeto.

Figura 5. Primeira página do formulário para criação de personagem

02/05/2022 20:57 Criação de Personagem para TCC de Design

**Criação de Personagem para TCC de Design**

Este formulário foi criado com o intuito de conhecer um pouco sobre a vida da criadora de conteúdo Camila Glatthardt. Essas informações vão ser necessárias para criar a personagem principal do livro que vai ser criado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da aluna Jullia Roberth Benfica Montalvão, graduanda do curso de design na Universidade de Brasília. O livro vai abordar sobre o feminismo e mostrar como a gordofobia esta atrelada a ele.

E-mail \*

camila.glatthardt@gmail.com

Vamos começar com o Perfil Básico!

Após o Perfil básico, o formulário vai estar dividido em três camadas:

- 1- A camada exterior, relacionada à aparência e porte da personagem
- 2- Os arredores, relacionados ao passado e experiências da personagem
- 3- O núcleo, relacionado às características psicológicas da personagem

1- Nome completo \*

Camila Fuly Glatthardt

2- Idade \*

22

3- Local de nascimento/cidade natal, e onde mora atualmente? \*

Rio De Janeiro

<https://docs.google.com/forms/d/1wEGpAsonyOWWp1C0Hfz7gC0MHTSS8M0BFca8i8ed8/responses> 1/11

Fonte: Autoria própria (2022)

O formulário foi suficiente para obter as informações para a criação da personagem, porém uma entrevista se tornou necessária para que houvesse uma troca pessoal. O motivo da entrevista ter sido online pelo aplicativo meet, foi devido a Camila morar no Rio de Janeiro, tornando-se inviável o encontro presencial. Na entrevista foi apresentado o roteiro criado com todas as informações que estariam contidas no livro até aquele momento. Uma parte do conteúdo para o livro foi baseado nas informações que a Camila Glatthardt passou pelo formulário, entrevista, e mensagens via Whatsapp,

e a outra parte foi baseada no estudo da pesquisa exploratória localizada na contextualização deste relatório.

## 5.1 Naming

Para escolher o nome do livro foi feito um brainstorming ou "tempestade de ideias", que é uma técnica de dinâmica coletiva desenvolvida para explorar a potencialidade criativa, na qual os participantes devem ter liberdade de expor suas sugestões e debater sobre as atribuições dos colegas. O objetivo era encontrar um nome no qual os leitores pudessem associar diretamente à temática do livro, sem muitos rodeios e frases com múltiplos sentidos.

A dinâmica foi feita por 2 pessoas, começando com a separação de palavras chaves, que serviram para aquecer as ideias. Tivemos palavras como: Gordas, grande, corpo, gordofobia, preconceito, empoderamento, aceitação, feminismo, amor próprio, influência digital, ativismo, luta, liberdade, igualdade, bem estar, beleza, opinião, diversidade e outros.

Após a separação de palavras chaves foi feita uma dinâmica chamada "chuva de ideias", onde foi anotado todas as ideias possíveis de nomes para o livro que foram surgindo. Começamos a seleção analisando todas as ideias e descartando as consideradas medianas ou ruins, deixando somente as que apresentavam um bom potencial. As ideias consideradas com um bom potencial foram encaminhadas para votação entre 23 pessoas, as propostas ficaram nas seguintes colocações:

- 1- Normalize a palavra gorda (6 votos)
- 2- Ame suas curvas (5 votos)
- 3- Gordas sim e daí? (5 votos)
- 4- Corpos gordos existem (4 votos)
- 5- Se olhe com amor (4 votos)
- 6- Eu sou uma grande gorda gostosa (3 votos)

- 7- Meu corpo gordo não precisa do seu padrão (3 votos)
- 8- Grande curva (3 votos)
- 9- Este é o MEU corpo gordo! Não enche. (2 votos)
- 10- Meu corpo gordo, meu corpo livre! (2 votos)
- 11- Sim, sou gorda (2 votos)
- 12- Toda grandona (2 votos)
- 13- Gorda pode (1 voto)
- 14- MEU corpo (1 voto)
- 15- Corpo livre (1 voto)
- 16- Confissões de uma gorda (1 voto)
- 17- Corpo positivo (1 voto)
- 18- História de uma gorda (1 voto)
- 19- Gorda livre
- 20- As gordas existem
- 21- Meu corpo gordo não precisa da sua opinião
- 22- Diário de uma gorda
- 23- A curva da gorda
- 24- Meu amado corpo gordo
- 25- Sou Plus Size

Após a colocação, criamos o top 4, com as 4 alternativas mais votadas e levamos para votação novamente, tendo 1 alternativa mais votada:

- 1- Ame suas curvas: (10 votos)
- 2- Gorda sim e daí?: (8 votos)
- 3- Normalize a palavra gorda: (3 votos)
- 4- Corpos gordos existem: (2 votos)

**Ame suas curvas** foi a alternativa mais votada, é um nome delicado, que nos traz reflexões sobre se estamos ou não nos importando com o nosso corpo e nos amando. A pessoa que lê a frase dessa alternativa, sabe que provavelmente esse livro vai

abordar temáticas relacionadas a auto estima, bem estar, padrões de beleza e outros. Porém não foi um nome que superou todas as expectativas, já que o objetivo principal desde o início era ter um nome que as pessoas não precisassem refletir muito para entender qual é a temática principal do livro, que é sobre a luta da mulher gorda.

Sendo assim, através de muitas reflexões, foi escolhido como nome do livro, a frase: **Gorda sim e daí?** Essa alternativa aborda diretamente em seu nome a temática principal do livro, e nos faz refletir através de sua interrogação qual é o problema apresentado na palavra, já que as pessoas consideram a palavra gorda uma palavra ofensiva, um palavrão, um xingamento e não como uma característica física de uma pessoa. Os nomes que não foram escolhidos para a logomarca, foram aproveitados para serem usados no nome do título das partes do livro.

## 5.2 Identidade Visual

A Identidade Visual do livro (figura 6) foi toda pensada e elaborada para que conseguisse passar de forma bem clara a sua mensagem. Para isso, pegamos a essência da personagem principal da história, a Camila Glatthardt, que é uma mulher gorda de 23 anos, ativista, apoia várias causas sociais, usa o instagram como uma plataforma de trabalho, lá ela aborda temas relacionados à moda para as mulheres gordas, faz publicidade para marcas que a patrocinam, é maquiadora (leva para um lado mais artístico), faz reels e conteúdos sobre diversos temas dentro do ativismo gordo, fala sobre seu lifestyle, e outros. O instagram da Camila é super colorido, ela tenta quebrar esse tabu de que mulheres gordas só podem usar roupas escuras para disfarçar o tamanho do corpo, além de estar sempre usando uma cor nova no cabelo. A personagem relata que a sua letra é bonita e legível, o que seria muito interessante usar já que é uma história sobre ela.

Figura 6. Identidade visual do livro (Assinaturas verticais e horizontais)



Fonte: Autoria própria (2022)

### 5.2.1 Logotipo

As tipografias escolhidas para o logotipo foram a Cooper Black e a Daydreamer. A tipografia Cooper Black (Figura 7), representa as características da mulher gorda, sendo uma fonte com um corpo pesado, formas curvas, impactantes, trazendo equilíbrio com suas formas amigáveis e divertidas, além da boa legibilidade. A fonte também foi utilizada para citar a numeração de páginas do livro, no tamanho 10.

Figura 7. Tipografia utilizada no logotipo.

#### **Cooper Black**

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**  
**123456789 !?;,.**

Fonte: Autoria própria (2022)

A fonte Daydreamer (Figura 8), por Darrell Flood (gratuita para uso pessoal), foi escolhida pelo fato de parecer com a letra da personagem principal da história, é uma fonte script bonita, legível e diferente de várias outras opções de fontes escritas à mão, onde na maioria das vezes elas são perfeitamente alinhadas e certinhas. Daydreamer é

uma fonte mais orgânica, comparada às outras, onde transmite a naturalidade da escrita. A fonte foi usada no logotipo e nos títulos das divisões de partes do livro no tamanho 11, com peso regular.

Figura 8. Tipografia utilizada no logotipo.

Daydreamer  
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
 123456789 !?;.,

Fonte: Autoria própria (2022)

A família Minion Pro: Regular, Italic, Bold e Bold Italic (Figura 9), foram usadas para compor os títulos das partes do livro e usado no corpo do texto no tamanho 11. A fonte Minion Pro é uma fonte projetada para usar no corpo do texto, possui um estilo clássico, embora levemente condensado e com grandes aberturas para aumentar a legibilidade. Possui uma estrutura simplificada e proporções moderadas, sendo uma ótima opção para ser usada junto com as outras fontes devido o destaque e potência das outras duas fontes.

Figura 9. Tipografia utilizada nos títulos e corpo do texto.

Minion Pro Regular

ABCDEFGHIJKLMN  
 OPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklm  
 nopqrstuvwxyz  
 123456789 !?;.,

*Minion Pro Italic*

*ABCDEFGHIJKLMN  
 OPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklm  
 nopqrstuvwxyz  
 123456789 !?;.,*

**Minion Pro Bold**

**ABCDEFGHIJKLMN  
 OPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklm  
 nopqrstuvwxyz  
 123456789 !?;.,**

***Minion Pro Bold Italic***

***ABCDEFGHIJKLMN  
 OPQRSTUVWXYZ  
 abcdefghijklm  
 nopqrstuvwxyz  
 123456789 !?;.,***

Fonte: Autoria própria (2022)



### 5.2.2 Paleta de cores

A paleta de cores (Figura 10) é composta pelo vermelho escuro que simboliza a coragem, força de vontade, a luta e a sensualidade. Pelo vermelho claro que simboliza o amor, auto aceitação e pelas cores preto e branco, que são cores opostas, foram usadas para passar a ideia de igualdade, além de serem cores neutras e básicas, fazendo o vermelho se destacar mais ainda, formando uma bela composição.

Figura 10. Seleção de cores utilizadas no livro.



Fonte: Autoria própria (2022)

## 6- PRODUTO FINAL

Na **capa** (Figura 11) temos a ilustração da Camila Glatthardt, que está no quarto dela, com as luzes apagadas, tirando foto com flash de frente para o seu espelho. Em volta do espelho possui uma planta que faz parte da decoração do quarto e ao fundo temos o guarda roupas branco, uma parede vermelha escura e uma cama de casal com um jogo de cama branco com linhas finas pretas. Na parte superior da capa é encontrado a logomarca do livro, na versão branca com vermelho claro, e essa adaptação para o branco existe para que ocorra o destaque adequado da logo em locais com fundos escuros. Ao lado e sobre a perna da Camila temos o nome da autora do livro, Jullia Roberth, também na cor branca para dar o destaque necessário.

Figura 11. Capa do livro “Gorda sim, e daí?”



Fonte: Autoria própria (2022)

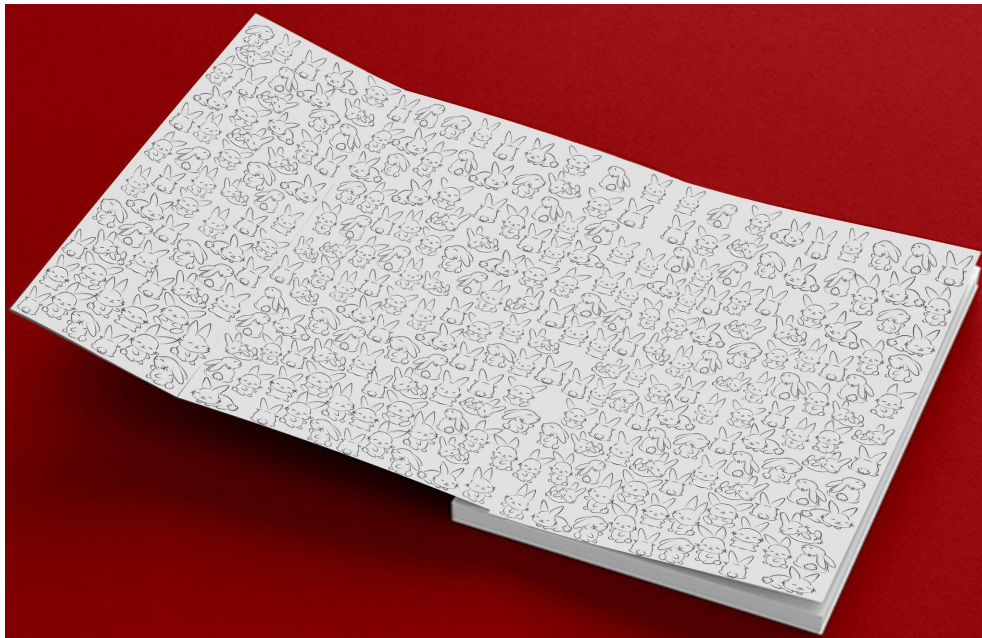
A **Lombada** é da cor vermelha, esse vermelho vem da parede vermelho escuro do quarto da personagem, a logomarca ao invés de estar na vertical como a assinatura principal, se encontra na horizontal (assinatura secundária), para se encaixar perfeitamente na lombada e ocupar o espaço adequado. Na parte superior da lombada possui o nome da autora do livro. A **Quarta Capa** tem um pequeno resumo do que vai

ser abordado no livro, a fonte está branca e o fundo é vermelho. A simplicidade foi proposital para dar um foco maior à capa.

A **Orelha Direita** é interativa, ao fazer o corte com a tesoura no lugar mencionado, o leitor terá um marca-páginas com uma bela ilustração da Camila Glatthardt, a logomarca do livro e o nome da autora. Na **Orelha Esquerda** temos a apresentação da autora do livro, possui uma foto da mesma e um breve parágrafo falando sobre ela.

As **Folhas de Guarda** (Figura 13) ficam atrás das duas orelhas, da capa, contracapa, na primeira e última folha do livro. A ilustração é um padrão com várias poses e ângulos da coelha da Camila Glatthardt, a Frederica.

Figura 12. Folha de guarda do livro.



Fonte: Autoria própria (2022)

## 6.1 Grid e citações

Como exemplo de grid, podemos ver a hierarquia das informações na figura 14. O livro é dividido em partes, numeradas de 1 a 7, a primeira informação que aparece na página

é essa, sendo na fonte Minion Pro Bold, tamanho 11. O subtítulo fica logo abaixo, na fonte Daydreamer Regular, tamanho 16. A citação fica após o título, na fonte Minion Pro Italic Regular, alinhado à direita, e ao final dela, aparece o nome e autor em Minion Pro Italic Bold. Algumas delas se encontram em inglês, logo, ao final do livro na página 61, tem a tradução dessas citações.

Figura 13. Grid apresentado na parte 4 do livro Gorda sim e daí?

54						55
					<b>Parte 4</b>	
					<i>Normalize a palavra gorda</i>	
	<p>assistindo televisão. Isso demonstra uma visão carregada de preconceito sobre a pessoa gorda. Logo, é muito importante entender como essa narrativa preconceituosa é construída e como ela surge da formação de trabalhadores da saúde.</p> <p>Segundo relato de mulheres gordas o desenvolvimento do afeto com os alimentos, desde a infância não foi sempre saudável ou positivo, pelo contrário, era relacionado a algo negativo, reprimido e constrangedor. Comer, algo fácil para muitos, para as pessoas gordas pode se tornar problemático. A memória afetiva associada ao comer é normalmente ruim, de sofrimento e medo.</p> <p>Compreender a gordofobia quer dizer resgatar vidas e proporcionar o acesso à saúde para todos, e consta na lei que todos são iguais, sem nenhum tipo moralista de analisar as pessoas e seus corpos, pois isso não trás nenhum benefício na busca pela saúde.</p> <p>O discurso dentro da medicina, aparenta não ter preparo para compreender e dar às pessoas gordas um tratamento humano, não há dignidade e respeito. É necessário que na formação dos profissionais haja discussão com relação ao corpo gordo, pois ela se apresenta de forma preconceituosa e estigmatizada.</p> <p>Dentro da variedade de opções disponíveis para que uma pessoa perca peso existe o procedimento de cirurgia bariátrica que é mais acessível dentro da rede particular e para quem possui plano de saúde, assim, acaba por ser um procedimento da elite e pouco disponível para quem não possui recursos financeiros. Outra vertente é o universo fitness onde alimentos caracterizados como lights e integrais estão no alcance de quem pode pagar por eles, já que o preço é acima da média. Logo, vestir, comer e fazer procedimentos depende do poder aquisitivo que se tem. Compreende-se que o corpo magro é relacionado ao saudável, benéfico e também à riqueza.</p>					
						<p><i>Um olhar confiante Na voz a attitude Vou mostrar que ser gorda e negra É virtude Levanta sua cabeça Você não pode parar O que te define É o seu olhar</i></p> <p><i>O seu olhar O seu andar O seu pensar Você precisa se posicionar</i></p> <p><i>Se valorizar Não é querer ser melhor que alguém É entender que você não é pior que ninguém</i></p> <p><b><i>Levanta Mina - Mc Carol</i></b></p>

Fonte: Autoria própria (2022)

As citações (Figura 15) estão sempre juntas à folha de entrada das partes do livro (sendo encontrada também no início e no final do livro), elas dão uma reflexão inicial sobre o tema a ser abordado naquela parte, de maneira leve e interativa, já que são citações de músicas, falas de cantores e pessoas famosas que enfrentam ou abordam sobre a temática.

Figura 14. Mockup das páginas do livro com modelo de citação



Fonte: Autoria própria (2022)

## 6.2 Partes do livro

### Parte 1- A história de uma gorda

Nessa parte do livro, é contada a história de uma mulher gorda, Camila Fuly Glatthardt, ilustrada pela autora na Figura 16.

Figura 15. Ilustração da personagem principal da história, Camila Fuly Glatthardt.



Fonte: Autoria própria (2022)

## Parte 2- Corpo livre

Nesta parte do livro, é relatada a relação direta do feminismo e suas implicações na vida da mulher gorda na sociedade atual, correlacionando com o movimento corpo livre, com a imagem de Camila ilustrada pela autora na figura 17.

Figura 16. Ilustração de Camila Fuly Glatthardt simbolizando resistência.



Fonte: Autoria própria (2022)

## Parte 3- Doença? Não.

Na parte três é apresentada a oposição e o questionamento a respeito da patologização do corpo gordo fortemente presente no discurso médico. Sobre a falsa justificativa de preocupação apresentada pela sociedade como aval para apontar o dedo e julgar o corpo de pessoas gordas, principalmente se estas forem mulheres.

## Parte 4- Normalize a palavra gorda

Na parte quatro é apresentada a ideia da normalização necessária da palavra gorda, e trata sobre comentários, falas que são exemplos corriqueiros de gordofobia, frases estas que precisam ser eliminadas e combatidas, conforme a Figura 18:

Figura 17. Ilustração de Camila Fuly Glatthardt simbolizando oposição à gordofobia.



Fonte: Autoria própria (2022)

## **Parte 5- Meu corpo gordo não precisa do seu padrão**

A parte cinco relata como a falta de acesso a lugares como aviões, transportes públicos e outros afeta negativamente a vida da pessoa gorda. Além da falta de acesso, todo tipo de cosmético, procedimento e dieta que emagrece é massivamente divulgado, além da falta de preparo em muitos profissionais ao lidar com pessoas que não se encaixam em um padrão.

### **Parte 5.1- Essa moda não me veste**

Esta parte do livro fala a respeito da moda inacessível a mulheres gordas, que possuem dificuldades de encontrar seu próprio estilo de roupa por muitas vezes estarem limitadas somente aquelas que lhes servem, além da falta de lojas que vendam roupas para pessoas gordas e do marketing ao redor de corpos padrões aos quais as pessoas devem se encaixar para que a moda também lhes sirva.

## **Parte 6- O meu corpo não é objeto de prazer**

Na parte seis do livro a pauta é a sexualização do corpo da mulher gorda, enquanto nas vitrines de lojas, revistas e televisão o corpo magro é visto como ideal, ao realizar pesquisas em ambientes privados da internet o corpo gordo é escolhido como objeto de prazer e desejo erotico.

## **Parte 7- Ame suas curvas**

Na sétima parte do livro há inserção do tema body positive, da luta contra a gordofobia também por meio do incentivo ao amor ao próprio corpo, respeito à individualidade e quebra de padrões que são inalcançáveis e que causam insatisfação e infelicidade para aqueles que não fazem parte do mesmo. Todos têm direito ao respeito, à dignidade, ao acesso, e nada disto deve ser negado em função das características físicas de ninguém. Cultive o amor ao seu corpo!

### **6.3 Material**

O livro informativo ilustrado, “Gorda sim, e daí?” é um livro brochura de lombada quadrada, com dimensões 21x14mm, que se caracteriza pela aplicação de um adesivo em uma lombada refileada. A capa mole é de papel triplex 250g, C2S, ou seja com brilho dos dois lados, possibilitando a impressão em ambos os lados.

O papel escolhido para o miolo foi o offset 75g, conhecido como sulfite, porém com maior qualidade, possui textura lisa e opacidade fosca, sendo branca dos dois lados. O motivo principal para escolha do papel offset, foi pela capacidade de absorção de tinta maior que os outros tipos de papel, e como o livro possui ilustrações coloridas, é importante garantir que a imagem fique com a qualidade adequada.



Figura 18. Mockup com 3 capas do livro Gorda sim, e daí?



Fonte: Autoria própria (2022)

## 8- CONCLUSÃO

A proposta desse projeto foi a de desvendar o universo gordo no mundo contemporâneo, como algo que está em transformação, a partir da construção do livro *Gorda sim, e daí?*, que possibilitou a própria investigação de mim mesma, como uma mulher que conta, sente e se emociona em estar dentro da observação e escuta.

Sentir na própria pele, como mulher gorda, as dores de outra mulher foi inexplicável para meu sentimento de pertencimento, que acabou me levando ao ativismo em primeira pessoa dentro dessa pesquisa, e modificou totalmente minha maneira de ver e viver o mundo. Desvendar o universo gordo sob uma perspectiva ativista foi uma das melhores experiências da vida. Encontrei meu lugar de fala, meu lugar na escrita, sendo uma mulher gorda, pobre e estudante.

Lembro-me que em 2015, nos meus 16 anos, virei uma pessoa fitness e fiz uma dieta, estava apaixonada e precisava me encaixar no padrão de beleza estabelecido pela sociedade, se não a pessoa que eu queria um relacionamento, não ia querer namorar comigo. Logo, emagreci 23 kg, e lembro-me de todos os elogios diariamente, sobre como eu estava bonita, sobre como eu havia mudado, sendo que eu nem sabia mais o que fazer para conseguir manter aquele corpo que não me pertencia e que eu não conseguia manter jamais. O resultado todos já sabem, que foi dieta restritiva, diversos problemas de saúde, principalmente psicológicos, e óbvio, falta de amor próprio e ódio extremo ao meu corpo.

Acredito ter alcançado, no processo de pesquisa, um estilo de redação que se encaixasse com uma proposta de inclusão, trazendo uma leitura leve e fácil de ser compreendida. O meu objetivo a partir de agora é levantar essa discussão em todos os lugares possíveis, levar a outras mulheres gordas que, assim como eu, não tinha conhecimento no assunto, é para essas mulheres que desenvolvo esse livro.

Se tivesse a oportunidade de experienciar contato com estes temas antes, teria me privado de muitas dores. São saberes que mudam a vida de mulheres que muitas vezes se encontram perdidas em uma sociedade que as rejeita constantemente. É importante fazer uma autorreflexão sobre a experiência que tenho vivido como pesquisadora e designer ativista.

A intenção é desmontar, denunciar e desprogramar a subjetividade capitalística na qual estamos emergidos e que faz acreditar que apenas um corpo é possível. Lembrando de como é importante o feminismo ter um olhar maior para o ativismo gordo, para que ele comece a ser uma pauta abordada e reconhecida.

Durante os últimos anos, temos vivido momentos de muita perplexidade, tanto na área política quanto nas formas de comunicação e o que vem pela frente parece ser um pouco mais complexo. Num processo onde o ativismo da direita se fez presente através das redes sociais com diversas fake news, a polarização se acentuou de tal forma que transformou a discussão política em ofensas pessoais.

A arte e o design se mostram como poderosa fonte de produção de significado e de comunicação, influenciando e variando as táticas de intervenção do ativismo. A intenção do projeto é mostrar que a nossa ação, independentemente de ser real ou virtual, tem o poder de mexer em estruturas rígidas.

Por fim, darei continuidade às minhas pesquisas e ao ativismo, conversando com outras mulheres gordas, escrevendo e projetando para mulheres gordas, tanto na universidade quanto fora dela.

## 8- REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. M. Design gráfico em tempos de ativismo. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2018. Recife, 2018. p. 14 - 44.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. O que é feminismo. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 77.

ARRUDA, A. S. O nome dela é Jenifer. Dobra[S] – **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], n. 33, p. 75-93, 30 nov. 2021. Dobras. <http://dx.doi.org/10.26563/dobras.i33.1430>

DIAS, K. S.; RIPOLL, D. Discurso de ódio e representações de corpos de mulheres gordas no YouTube: uma análise dos canais “tá querida” e “alexandrismos”. **Diversidade e Educação**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 147-176, 28 jan. 2021. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/de.v9i2.13557>.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2018. p.75.

GARCIA, G. L. et al. A ADAPTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DO CORPO GORDO EM DUMPLIN. **Revista de Comunicação e Cultura da Faculdade Estácio do Pará**, Belém, v. 7, n. 1, p. 1-30, dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/10237/47968136> Acesso em: 05 abr. 2022.

JIMENEZ, M. L. J. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. Mato Grosso: **Revista Epistemologias do Sul**, 2020, p. 144-161. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534>

JIMENEZ, M. L. J. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. Tese de doutorado do programa de pós-graduação em estudos de cultura contemporânea de Estudos de Cultura Contemporânea, na área de concentração Estudos Interdisciplinares de cultura, linha de pesquisa, comunicação e mediações culturais. Cuiabá- MT, 2020a, p. 149-150; 159-162; 177.

JIMENEZ, M. L. J. Mulheres gordas: gordofobia e falta de acessibilidade como questão moral.. Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero... Campina Grande: Realize Editora, 2021, p. 1-18. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79122>> Acesso em: 11/04/2022 02:00

JIMENEZ, M. L. J.; SILVA, M. J. Feminismo Gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. **Revista Ártemis**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 322-335, 11 jul. 2021. Portal de Periódicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54089>

JIMENEZ, M. Se liga: body positive NÃO é ativismo gordo! **Todas Fridas**, 2020c. Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2020/01/31/se-liga-body-positive-nao-e-ativismo-gordo/>

LIMA, L. **Obesidade: a arte de remover esse peso**. São Paulo: Editora Haryon, 2018.

LORENSONI, M. R.; ZAMBOM, R. C. O.; ROCHA, N. O corpo na moda. Anais do V Seminário nacional de Pesquisa em arte e cultura Visual. Goiânia-Go: UFG, FaV, 2012, p. 368-377. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-44\\_O\\_corpo\\_na\\_moda.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-44_O_corpo_na_moda.pdf)

MARQUES, M. C.; XAVIER, K. R. L. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. Espírito Santo. 2018. Disponível em: [www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/425-51237-16072018-192558.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf)

MATOS, C. H. S.; LOPES, H. P. Sociedade gordofóbica. Dobra[S] – **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], n. 33, p. 135-152, 30 nov. 2021. Dobras. <http://dx.doi.org/10.26563/dobras.i33.1434>

MENDONÇA, M. L. R. Corpos Políticos: a importância da estética em meio à construção das narrativas de mulheres negras e gordas. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, n. 15, p. 162-176, jan./jun, 2019

NECHAR, P. A. Diversidade de corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento *plus size*. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, de 2 a 8 de setembro de 2018. Anais... Joinville, SC, Intercom, 2018. p. 15

OLIVEIRA, L. P. R.; CASSAB, L. A. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Londrina- PA, p. 1-8, 27 maio 2014.

PEREIRA, T. M. A. O discurso de resistência do corpo gordo à ditadura da beleza. **DISCURSIVIDADES** 7.2 (2020): 149-169. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/925/687>

PEREIRA, B.; OLIVEIRA, P. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação. São Paulo- SP, 2016.  
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>

RANGEL, N. A emergência do ativismo gordo no Brasil. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis, 2017. p. 1-13. Disponível em:  
[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334\\_ARQUIVO\\_AemergenciadoMovimentoGordonnoBrasilNataliaRangel.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334_ARQUIVO_AemergenciadoMovimentoGordonnoBrasilNataliaRangel.pdf)

REIS, M. M. L. Corpos Políticos: a importância da estética em meio à construção das narrativas de mulheres negras e gordas. **Revista Científica Gênero na Amazônia**, [S.L.], v. 15, p. 162-176, 2019. Even3. <http://dx.doi.org/10.29327/22094.15-11>. Disponível em:  
<http://generonaamazonia.com/edicoes/edicao-15/11-d-Corpos-politicos-a-importancia-da-estetica.pdf> Acesso em: 05 abr. 2022.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 35-50, ago. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000200003>

SILVA, R. Entre nós, quem cabe na dança? A bailarina gorda ocupa o espaço. Anais ABRACE, 2021. Disponível em:  
<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5261/4986>

VAZ, P.; SANCHOTENE, N.; SANTOS, A. Gordas, sim! Maravilhosa, também!: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no youtube. **Lumina**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 99-117, 30 ago. 2018. Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://dx.doi.org/10.34019/1981-4070.2018.v12.21518>

VIANNA, M. V. O peso que não aparece na balança: sofrimento psíquico em uma sociedade obesogênica e lipofóbica. **Polêm!Ca**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 11-20, 16 jul. 2018. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/polemica.2018.36073>.

## 9- ANEXOS



Universidade de Brasília

### TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Por meio deste termo, **Camila Fuly Glattardt, CPF [REDACTED]**, participante do estudo *sobre o Direito das mulheres gordas*, de forma livre e esclarecida, cede o direito de uso das fotografias, vídeos e/ou voz adquiridos durante a realização do tratamento clínico a que foi submetido ou durante sua participação em estudo/pesquisa anterior, e autoriza o(s) pesquisador(es), **Jullia Roberth Benfica Montalvão, CPF [REDACTED] e Matrícula [REDACTED], estudante da Universidade de Brasília (UnB)** bem como a instituição a qual esteja vinculado, responsável(is) pelo trabalho a:

(a) utilizar e veicular as fotografias, vídeos e/ou voz obtidas durante seu tratamento clínico ou durante sua participação em estudo/pesquisa anterior na(o) **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**, para fim de obtenção de grau acadêmico (e/ou divulgação científica), sem qualquer limitação de número de inserções e reproduções, desde que essenciais para os objetivos do estudo, garantida a ocultação de identidade (mantendo-se a confidencialidade e a privacidade das informações), inclusive, mas não restrito a ocultação da face e/ou dos olhos, quando possível;

(b) veicular as fotografias, vídeos e/ou voz acima referidas na versão final do trabalho acadêmico, que será obrigatoriamente disponibilizado na página web da biblioteca (repositório) da Universidade de Brasília – UnB, ou seja, na internet, assim tornando-as públicas;

(c) utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) ou impresso (pôsteres ou painéis);

(d) utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz para a publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;

(e) no caso de imagens, executar livremente a montagem das fotografias, realizando cortes e correções de brilho e/ou contraste necessários, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida;

(f) no caso da voz, executar livremente a edição e montagem do trecho, realizando cortes e correções necessárias, assim como de gravações, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida.



## Universidade de Brasília

O participante declara que está ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pela cessão das fotografias, dos vídeos e/ou da voz, e que está ciente que pode retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados.

É vedado ao(s) pesquisador(es) utilizar as fotografias, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira. O(s) pesquisador(es) declaram que o presente estudo/pesquisa será norteado pelos normativos éticos vigentes no Brasil.

Concordando com o termo, o participante de pesquisa e o(s) pesquisador(es) assinam o presente termo em 2 (duas) vias iguais, devendo permanecer uma em posse do pesquisador responsável e outra com o participante.

---

**24 de Março de 2022**

---

**DANIELA FAVARO GARROSSINI**

CPF: XXXXXXXXXX

---

**PESQUISADOR: JULLIA ROBERTH B. MONTALVÃO**

CPF: XXXXXXXXXX

---

**PARTICIPANTE DO ESTUDO: CAMILA FULY GLATTARDT**

CPF: XXXXXXXXXX



## Livro Gorda sim, e daí?



**Jullia Roberth**

Nasceu em Brasília, tem 23 anos e estuda design na Universidade de Brasília. Cursou Inglês e cursa atualmente francês no Centro Interescolar de Línguas (CIL 01 de Brasília), estudou na Saga (escola de computação gráfica e games) em Taguatinga, já estagiou na Câmara dos Deputados (Consultoria Legislativa). De 2019 à 2021, foi integrante da Empresa Júnior Lamparina Design na Universidade de Brasília, e atualmente é estagiária do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

Possui uma loja virtual de camisas de time (@r2quadrado), é fotógrafa (@jfotinhas) e pretende, no futuro, abrir uma loja virtual para trabalhar como designer. Desde criança tem o sonho de ser ilustradora e mostrar o que sente através de sua arte.

A mulher gorda em seu cotidiano sofre com o preconceito e a gordofobia que a exclui e humilha constantemente. Dentro do movimento feminista a luta anti gordofobia é uma pauta presente, fazendo-se necessário entender estes conceitos e suas implicações.

O presente trabalho possui o objetivo de explicar a história do feminismo e sua relação com a luta anti gordofobia, com a construção de um livro ilustrado que traz a perspectiva de uma mulher gorda, sobre suas vivências em uma sociedade gordofóbica.

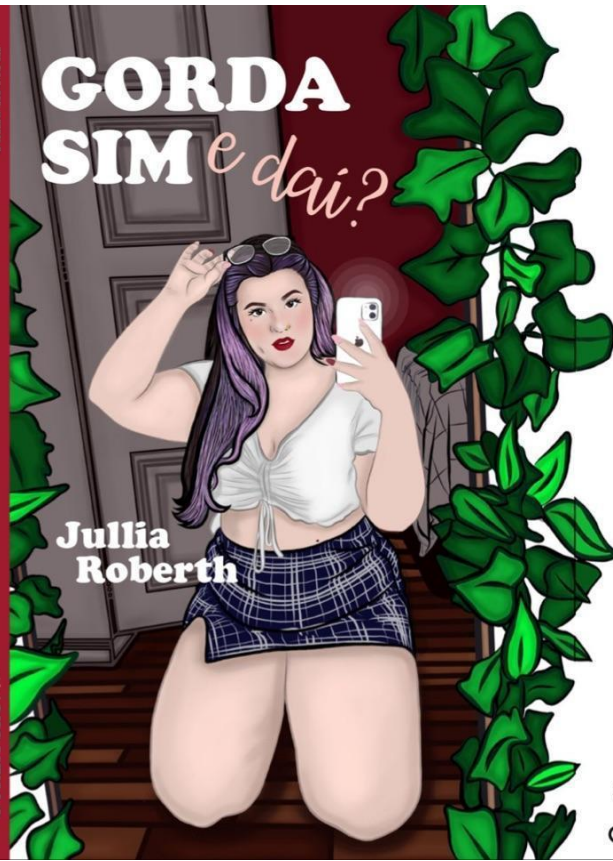
Com este material espera-se que os temas feminismo e gordofobia sejam discutidos e explicados de forma lúdica e de fácil compreensão, contribuindo e possibilitando o enfrentamento dessas formas de injustiça e preconceito.

Jullia Roberth

GORDA SIM e daí?

# GORDA SIM e daí?

Jullia Roberth



# GORDA SIM e daí?

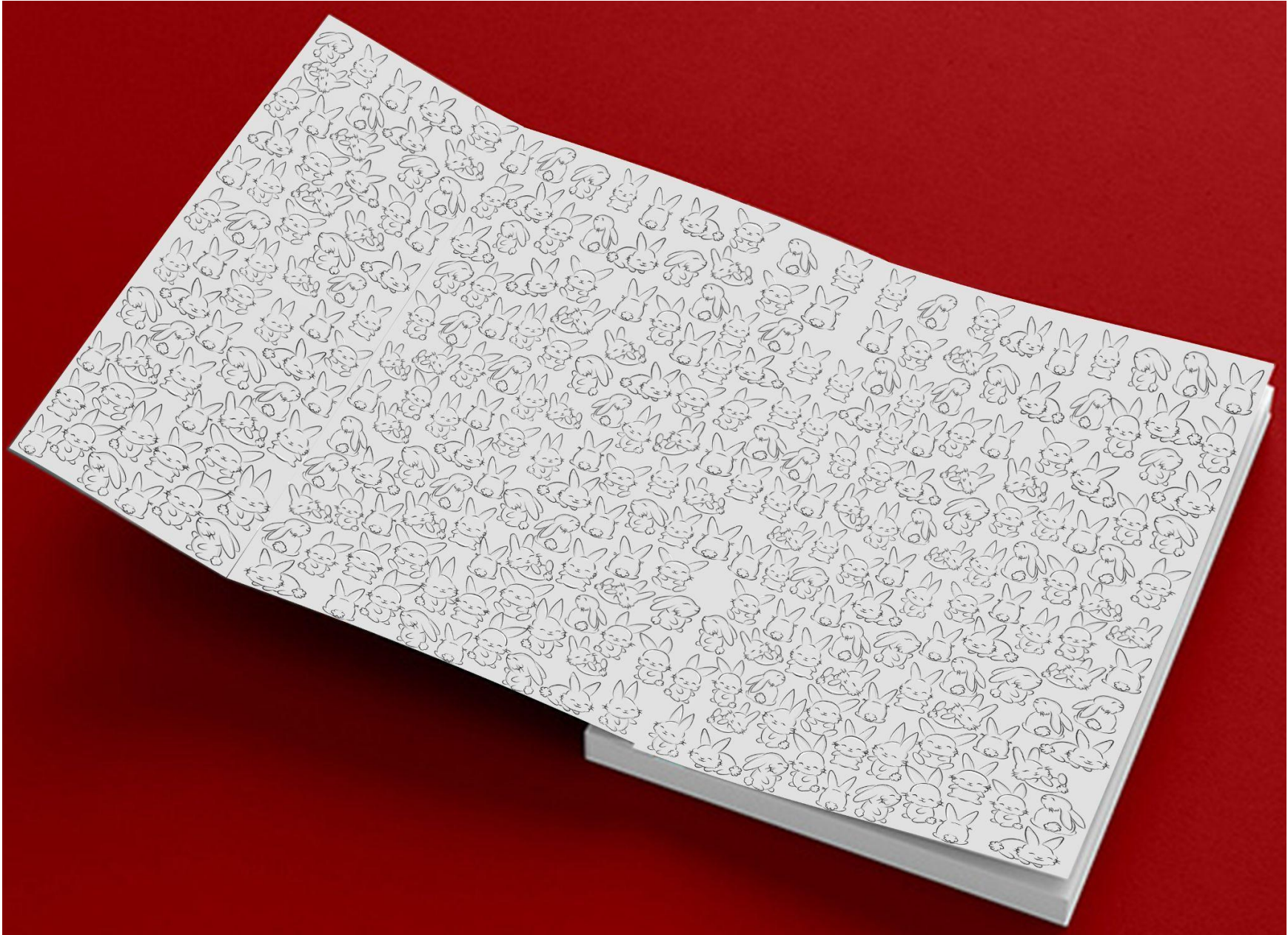


Jullia Roberth











44

preço ainda mais elevado.  
 Observa-se também que muitas lojas dizem ser plus size,  
 mas se uma numeração acima do tamanho 50 é solicitada, elas  
 não possuem. Parece que dessa numeração em diante a loja não  
 quer que pessoas gordas maiores vistam nas ruas seus modelos.  
 É outro exemplo de gordofobia.



45

Parte 3.1

*Essa moda não me veste*

É difícil sempre estar feliz  
 É difícil estar feliz  
 Com tanta cicatriz  
 É difícil se amar sendo excluída  
 Olhar pra Tv  
 E ainda ver paquitas

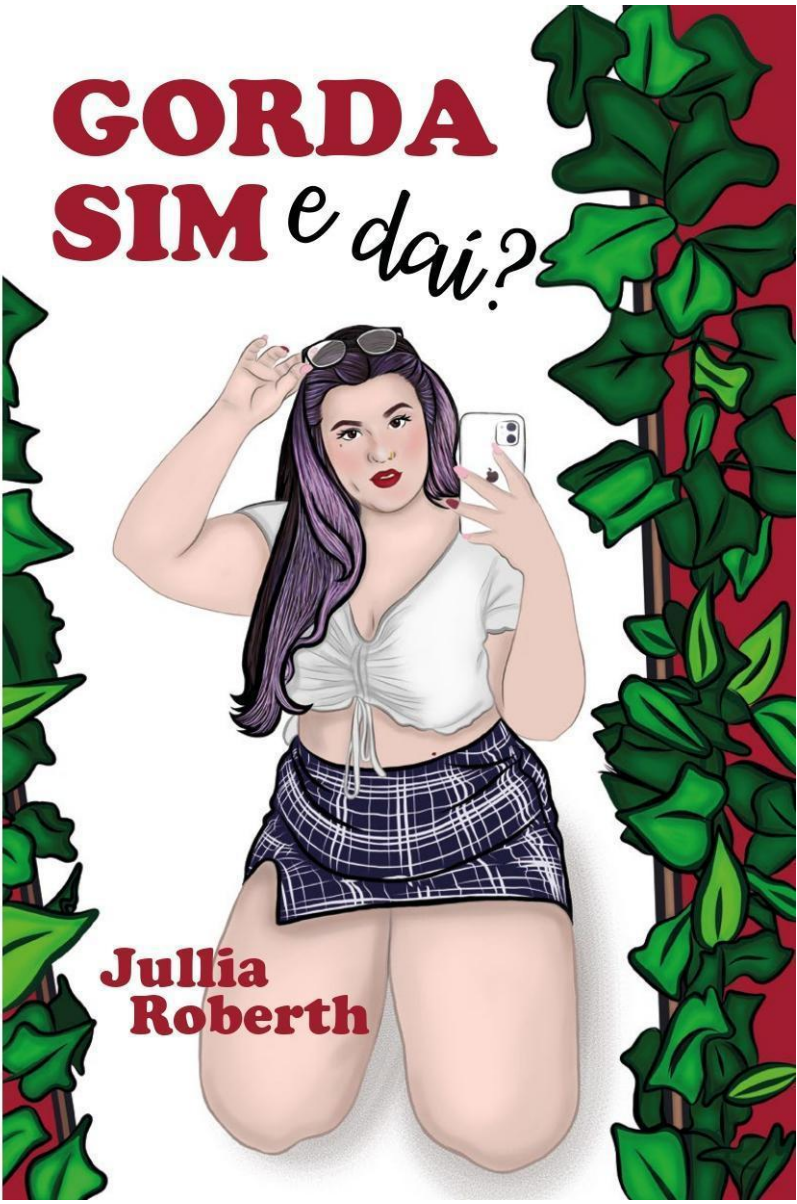
Cadê as gays?  
 Cadê as pretas?  
 Cadê as gordas?  
 Nas capas das revistas  
**Levanta Mina - Mc Carol**







**GORDA**  
**SIM** *e dai?*



Trabalho de Conclusão de Curso  
Universidade de Brasília  
Design

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610, de 19/02/1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da autora

Direção Editorial: Jullia Roberth  
Assistente Editorial: Bruna da Silva Lima  
Revisão: Daniela Garrossini  
Projeto gráfico, capa, ilustrações e diagramação: Jullia Roberth

*Para todas as mulheres gordas, tanto as que vieram antes de mim, quanto a todas que lutam ao meu lado em busca de justiça e liberdade, que sofreram ou sofrem gordofobia, sendo humilhadas e invisibilizadas durante a vida toda, por ações de exclusão, justificadas por preocupação com a saúde e usando discurso de ódio assumido, descarado nas redes sociais, nas ruas e até mesmo dentro de casa..*

**Sumário:**

Prólogo	11
Parte 1 - A história de uma gorda	13
Parte 2 - Corpo livre	25
Parte 3 - Doença? Não.	31
Parte 4 - Normalize a palavra gorda	35
Parte 5 - Meu corpo gordo não precisa do seu padrão	41
Parte 5.1 - Essa moda não me veste	45
Parte 6 - O meu corpo não é objeto de prazer	49
Parte 7 - Ame suas curvas	53
Agradecimentos	59
Traduções	61
Referências	63

*A Barbie é loira, tem o cabelo liso, é branca, magra e alta.  
Já inventaram a versão dela com a cor de cabelo moreno,  
ruivo, rosa, roxo, e diversas outras cores.  
Até mesmo, com os cabelos ondulados, algumas poucas  
cacheadas, e quase nunca é visto a versão de cabelo crespo ou  
da pele preta, sendo incomum encontrar.  
Mas, e uma Barbie gorda, você já viu? Nessa história, nem a  
amiga engraçada da personagem principal é gorda.*

## Prólogo

A mulher gorda em seu cotidiano sofre com o preconceito e a gordofobia que exclui e à causa dor. Não ter o corpo da Barbie faz com que essa mulher seja rejeitada, odiada e repulsiva. Além do padrão de beleza estabelecido sem nenhuma consideração com as características individuais de cada mulher, totalmente utópico e inalcançável, existe a falta de oportunidade e acesso em diversos ambientes sofridos pela gorda.

Por quanto tempo a mulher gorda será ensinada a odiar seu corpo? Por quanto tempo a mulher gorda ainda será privada de consumo e acessibilidade? Gorda, a palavra temida por muitos, quando na verdade, deveria ser comum, e não um sinônimo de algo feio ou ofensivo.

Neste livro, apresento uma história, a história de uma mulher gorda, que mesmo nesse contexto nada favorecedor, se reinventou e se posiciona diariamente a favor do seu direito de ser, de ser feliz e de poder fazer aquilo que desejar, com o corpo que tem.

**Parte 1***A história de uma gorda*

*I've always been the kind of girl  
That hid my face  
So afraid to tell the world  
What I've got to say  
But I have this dream  
Right inside of me  
I'm gonna let it show, it's time  
To let you know  
To let you know*

*This is real, this is me  
I'm exactly where I'm suppose to be, now  
Gonna let the light, shine on me  
Now I've found, who I am  
There's no way to hold it in  
No more hiding who I wanna be  
This is me*

*Do you know what it's like  
To feel so in the dark  
To dream about a life  
Where you're the shining star  
Even though it seems  
Like it's too far away  
I have to believe in myself  
It's the only way*

***This Is Me - Camp Rock  
(Feat. Joe Jonas and Demi Lovato)<sup>1</sup>***

Olá! Meu nome é Camila Fuly Glatthardt, tenho 22 anos, meço 1,73 de altura, e no momento estou pesando 115 kg. Nasci e moro atualmente no Rio de Janeiro, estou cursando publicidade e propaganda na Estácio. Sempre tive o desejo de conquistar minha independência, o meu sonho é conhecer e viajar pelo mundo.

Tenho olhos castanhos, uma pinta próxima ao olho esquerdo e outra na barriga do lado direito. A cor do meu cabelo é castanho médio, ele é liso e longo, com mechas loiras na frente.

Minha tatuagem no braço é de uma guerreira Amazona, decidi tatuá-la por toda a história que elas carregam de bravura e coragem! São destemidas, autossuficientes, viviam em uma sociedade só de mulheres e simbolizam uma vida de equilíbrio onde são capazes de fazer qualquer coisa.





16

Tenho um estilo moderno, acompanhando as tendências. Gosto de usar roupas pretas, tênis, blusas xadrez, cropped e vestidos de mangas bufantes. Prefiro usar mochila do que bolsa. As cores que mais gosto são preto e vermelho.

Sou eclética mas costumo ouvir mais pop. Os meus 3 livros favoritos são: "A síndrome da boazinha", "Os 7 maridos de Evelyn Hugo" e "Feminismo Branco". E as séries são: "My mad fat diary", "Anne with an E" e "Bridgerton".



A história de uma gorda

17

Tenho um sotaque carioca, meu ritmo de fala é rápido e o tom de voz é mediloso. Só consigo olhar nos olhos se eu me sentir confortável com a pessoa com quem converso. Costumo mexer muito no cabelo e roer minhas unhas.

Quando estou feliz é bem perceptível mas quando estou triste ou preocupada não expresso tanto. Já tive depressão durante 3 anos e me recuperei. Hoje sofro com ansiedade mas, trabalho muito isso na terapia cuidando da minha saúde mental. Geralmente me afeta mais quando estou preocupada e estressada.

Minha criação foi rígida, meus pais são religiosos. Minha família é de classe média alta, eles são muito presentes, temos um bom relacionamento e ainda moro com eles.

Sou mais íntima da minha mãe, Simone, ela tem 50 anos e é dona de casa. Conto tudo pra ela e somos bem íntimas. Temos nossas diferenças mas nada que atrapalhe o convívio. Com meu pai me relaciono bem também.



18

Também sou próxima das minhas duas irmãs mais velhas. A Rafaela tem 25 anos e cursa medicina. Nosso relacionamento também é muito bom, somos amigas, saímos juntas e contamos tudo uma para a outra.

Já a Gabriela é a irmã mais velha, tem 27 anos e é psicóloga. Temos um relacionamento muito bom, somos além de irmãs, amigas e nos damos super bem. Minha memória mais feliz da infância, era quando eu e minhas irmãs tomávamos banho de mangueira no quintal de casa.



A história de uma gorda

19

Não tenho inimizades, costumo me dar bem com todo mundo e não guardar rancor. Tenho amigas que compartilham momentos incríveis comigo:



A Isadora é confiante, forte e não é de falar muito com quem não tem intimidade. Nós nos ajudamos ao máximo e sempre estamos presentes na vida uma da outra. Falamos sobre tudo, nada é tabu entre a gente e somos muito livres.

A Edivânia é doidinha, ela fala o que pensa e não está nem aí para o que os outros pensam. Sempre demonstra o que está sentindo e nossa relação é sempre muito animada e divertida. Gostamos de sair pra dançar, beber e fofocar.

20



Inês é muito comunicativa e inteligente. Tenta sempre deixar o clima mais leve e divertido. É forte mas não tem vergonha de demonstrar seus sentimentos. Nossa relação é sempre muito divertida e nos aconselhamos sempre.

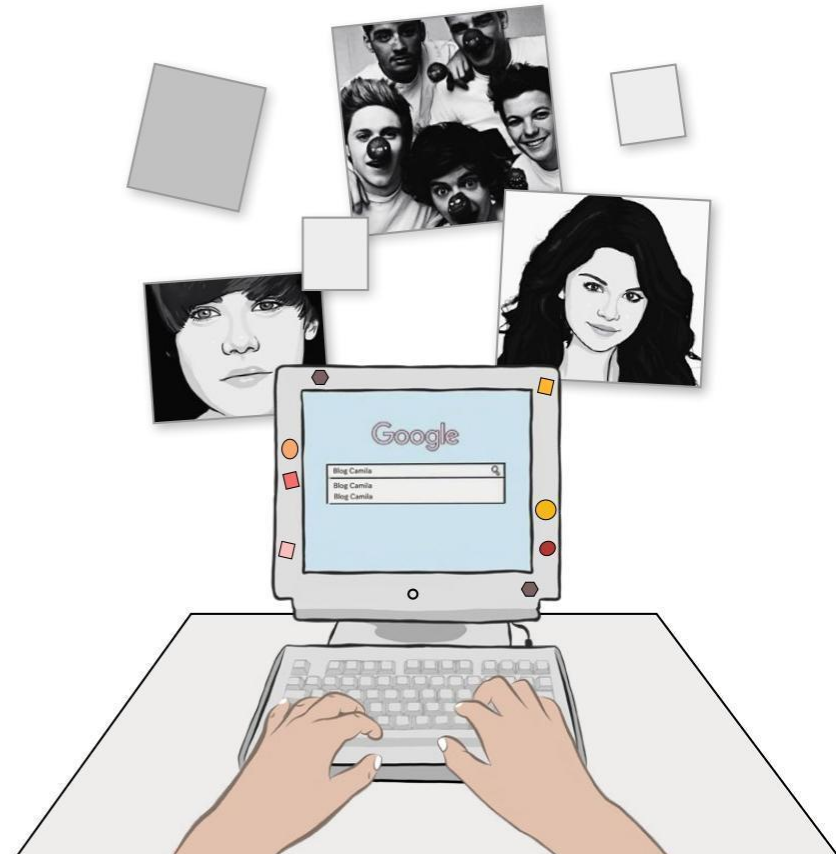
Taís, não é nada discreta e muito expressiva. Quando não gosta de alguém ou um lugar fica bem claro. Tem uma risada alta e é bem humorada. Sempre damos suporte uma à outra e podemos falar sobre tudo. Uma fofoca é sempre bem vinda.

A história de uma gorda

21

Na minha infância tive dúvidas do que eu realmente queria ser quando crescesse, então nunca soube o que queria. Gostava de escrever histórias e tinha um blog que falava sobre música, ídolos e sobre minha vida. Eu era muito fã de Justin Bieber, One Direction e Selena Gomez.

Um conselho que daria para o meu eu mais jovem é: “Tenha suas próprias opiniões e não ligue para o que os outros digam ou pensem de você.”



22

Estou solteira e meu parceiro ideal seria alguém que me faça companhia e que tenha os mesmos interesses que eu. Goste de sair e também de ficar em casa, curtir a praia e que entenda o meu trabalho. Uso app de relacionamentos, essa é a minha bio:



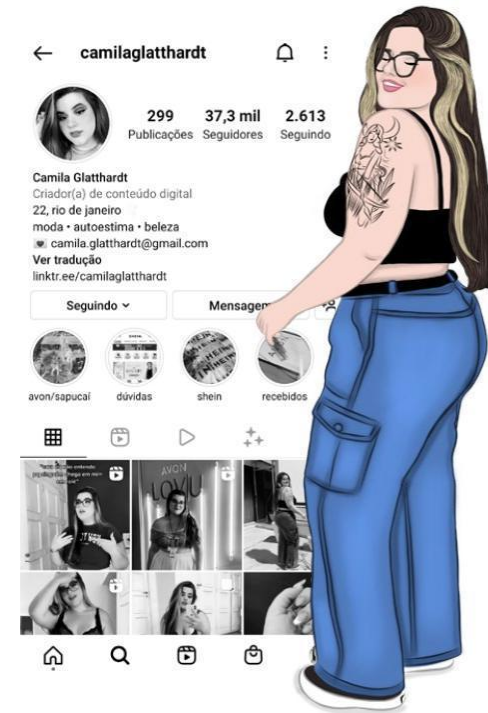
A história de uma gorda

23

Costumo usar bastante as redes sociais. Acho o Instagram uma plataforma fácil de me relacionar com as pessoas e acompanhar amigos. Também é o meu local de trabalho. No Tiktok consumo muito conteúdo, assisto vídeos leves e engraçados para passar o tempo e no Twitter acompanho artistas e fofocas.

Apoiar mulheres vítimas de violência; a comunidade LGBTQIA+, questões raciais e o empoderamento feminino são causas sociais importantes para mim.

Minha maior conquista foi o meu trabalho influenciando pessoas, desejo alcançá-las ainda mais e ajudá-las a conquistarem autoestima e amor próprio. Não tenho anseio de ser lembrada, mas tenho esse propósito que é ajudar outras mulheres a se amarem.



**Parte 2***Corpo Livre*


*Am I less of a lady If I don't wear pantyhose?  
My mama said a lady ain't what she wears but, what she knows  
But, I've drawn a conclusion, it's all an illusion confusion is the  
name of the game  
A misconception, a vast deception  
Something's gotta change  
Don't be offended this is all my opinion  
ain't nothing that I'm sayin law  
This is a true confession of a life learned lesson I was sent here  
to share with y'all  
So get in where you fit in go on and shine  
Free your mind, now's the time  
Put your salt on the shelf  
Go on and love yourself  
'Cause everything's gonna be alright*

**Video - India.Arie<sup>2</sup>**


Que tal eu parar de contar as fofocas da minha vida e começar a contar uma história muito importante? Sim? Vamos lá então!

O feminismo surgiu quando as mulheres tomaram consciência de que sofriam opressão, eram dominadas e exploradas por homens ao longo da história, passando por isso até hoje. A partir de então, começou a luta das mulheres por liberdade e por mudanças na sociedade.


A história do feminismo passou por 3 fases e cada uma teve o seu foco principal:



A primeira fase teve início no final do século XIX, e o foco era a crítica e reivindicação por direitos. As mulheres visavam a conquista de igualdade jurídica, como o direito ao voto e os critérios a casamentos arranjados. Elas queriam uma relação mais proporcional e equilibrada no casamento.

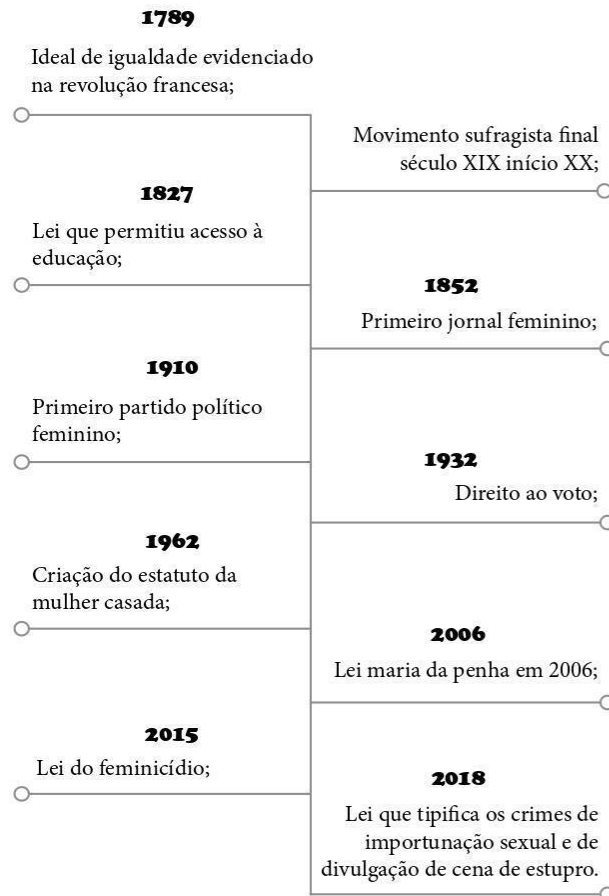


A segunda fase se inicia na década de 1960 e vai até a década de 1980. A discussão era sobre opressão, sexualidade feminina e a cultura de dominação e gênero. As mulheres buscavam trazer questionamentos sobre o objetivo de ser mulher e sobre a sua subordinação no cotidiano, buscando ter uma nova concepção sobre o que é liberdade e igualdade.



Já a terceira fase, acontece a partir de 1990, quando o movimento procurava entender as particularidades de cada mulher, como classe social, raça, e lugar onde vive, para combater os preconceitos e a discriminação do sexismo que era e ainda é muito presente. O movimento foi significativo para a criação de novas vertentes do feminismo, aprimorando novos padrões.

O feminismo trouxe conquistas históricas importantes para as mulheres ao longo da história, algumas delas são:



Entende-se que a luta feminista, dentre as diversas pautas que abrange, permeia também a questão da pressão exercida sobre a mulher de estar “em forma”, dentro do corpo ideal culturalmente construído pela sociedade, e da maior carga de julgamento ao corpo gordo se este for feminino.

Teve uma época em que os corpos gordos eram considerados saudáveis, agradáveis, e demonstravam muita riqueza. Uma mulher com quadris mais largos eram consideradas excelentes parideiras, ou seja, culturalmente, em dado momento histórico, era um grande elogio ser gordo, tornando-se uma qualidade.

Porém a mulher magra, poderia seguir a vida toda fazendo tratamentos para engordar, porque esse era um objetivo, já que o seu corpo era considerado doente, feio, e demonstrava pobreza.

Atualmente o corpo ideal é entendido como o corpo produto, o corpo das vitrines e que pode ser modificado conforme a necessidade de mercado. A magreza, o corpo fitness e malhado são valorizados, ao passo que a gordura é vista com desprezo, sinal de desleixo, preguiça e falta de disciplina.

Nesse contexto surgem as cirurgias plásticas e procedimentos estéticos que regulam a beleza da mulher e ditam como ela deve ser. Nesse momento, o apreço é conseguir um corpo esguio com características cada vez mais exigentes.



**Parte 3***Doença? Não.*

*Pretty hurts  
We shine the light on whatever's worse  
Perfection is the disease of a nation  
Pretty hurts  
We shine the light on whatever's worse  
Tryna fix something  
But you can't fix what you can't see  
It's the soul that needs the surgery*

*Blonder hair, flat chest  
Tv says bigger is better  
South Beach, sugar free  
Vogue says  
Thinner is better*

***Pretty Hurts - Beyoncé<sup>3</sup>***



A obesidade é caracterizada pelo excesso de gordura no corpo e pode ocorrer por diversos fatores (genéticos, culturais, econômicos, sociais e políticos). A patologização do corpo gordo é muitas vezes mantida a partir do conhecimento médico que define o ser saudável ou não e considera o IMC (Índice de Massa Corpórea) fator determinante para a obesidade. Com o aumento da taxa de obesidade no Brasil, em 2005 a OMS (Organização Mundial da Saúde) nomeou o surgimento da “Pandemia de obesidade”, logo, o mercado farmacêutico, de cosméticos e produtos alimentícios passaram a ter grande interesse no assunto.

Com o comércio voltado para este aumento do índice de obesidade, surgiram diversos tipos de dietas, medicamentos, chás e fórmulas emagrecedoras, além de produtos e cosméticos para reduzir medidas, todo o marketing foi direcionado para a ideia de que essas pessoas precisavam ser “cuidadas”, pois precisavam atingir o peso considerado ideal, o corpo considerado ideal, que é o magro.

Ao longo do tempo, o corpo gordo passou a ser visto como incapaz, anormal e a imagem corporal passou a ser objeto de olhares e críticas durante o século XVII. Já no século XIX corpos magros se tornaram destaque e surgiram as dietas e restrições alimentares.

Ao associar uma pessoa gorda a uma pessoa doente, você está sendo gordofóbico, pois existem pessoas magras doentes também. Muitas pessoas têm o errado pensamento de que o magro é saudável e gordo não é saudável. Segundo o discurso médico vigente, pode ser que a pessoa obesa desenvolva algumas complicações e doenças no seu corpo pelo excesso de peso e, por isso, é considerada doente assim que adentra o espaço médico. Porém, qualquer pessoa sedentária, que se alimenta mal, dorme mal ou que vive em regimes restritivos (ou não) pode desenvolver alguma complicação ou doença, já que basta estar vivo para poder ficar doente.

As pessoas gordas logo de cara são associadas a pessoas que só comem fast food e comem de forma descontrolada alimentos gordurosos e frituras, enquanto passam a maior parte do dia

assistindo televisão. Isso demonstra uma visão carregada de preconceito sobre a pessoa gorda. Logo, é muito importante entender como essa narrativa preconceituosa é construída e como ela surge da formação de trabalhadores da saúde.

Segundo relato de mulheres gordas o desenvolvimento do afeto com os alimentos, desde a infância não foi sempre saudável ou positivo, pelo contrário, era relacionado a algo negativo, reprimido e constrangedor. Comer, algo fácil para muitos, para as pessoas gordas pode se tornar problemático. A memória afetiva associada ao comer é normalmente ruim, de sofrimento e medo.

Compreender a gordofobia quer dizer resgatar vidas e proporcionar o acesso à saúde para todos, e consta na lei que todos são iguais, sem nenhum tipo moralista de analisar as pessoas e seus corpos, pois isso não trás nenhum benefício na busca pela saúde.

O discurso dentro da medicina, aparenta não ter preparo para compreender e dar às pessoas gordas um tratamento humano, não há dignidade e respeito. É necessário que na formação dos profissionais haja discussão com relação ao corpo gordo, pois ela se apresenta de forma preconceituosa e estigmatizada.

Dentro da variedade de opções disponíveis para que uma pessoa perca peso existe o procedimento de cirurgia bariátrica que é mais acessível dentro da rede particular e para quem possui plano de saúde, assim, acaba por ser um procedimento da elite e pouco disponível para quem não possui recursos financeiros. Outra vertente é o universo fitness onde alimentos caracterizados como lights e integrais estão no alcance de quem pode pagar por eles, já que o preço é acima da média. Logo, vestir, comer e fazer procedimentos depende do poder aquisitivo que se tem. Compreende-se que o corpo magro é relacionado ao saudável, benéfico e também à riqueza.

## Parte 4

### *Normalize a palavra gorda*

*Um olhar confiante  
Na voz a atitude  
Vou mostrar que ser gorda e negra  
É virtude  
Levanta sua cabeça  
Você não pode parar  
O que te define  
É o seu olhar*

*O seu olhar  
O seu andar  
O seu pensar  
Você precisa se posicionar*

*Se valorizar  
Não é querer ser melhor que alguém  
É entender que você não é pior que ninguém*

*Levanta Mina - Mc Carol*

A gordofobia acontece quando pessoas têm aversão e despreço pelo corpo gordo, ela se mostra não somente com a rejeição do corpo gordo pelos padrões estéticos mas, também, pela perda de oportunidades de emprego, rejeição social, dificuldade nos relacionamentos, dentre outros contextos.

É possível perceber que a mulher gorda é apresentada na mídia como a feia, a amiga que serve como um suporte para a personagem principal, aquela que é motivo de chacota, que é solteira e sozinha. A mulher gorda sofre com o fato de que nesta sociedade gordofóbica muitos se sentem no direito de julgar e apontar o dedo para dizer todo tipo de coisa, com a famosa desculpa de que é pelo bem desta pessoa, é pela saúde, ou algo parecido.

Faça uma análise. Você tem aversão extrema à comida por medo de engordar? Você julga o estilo de vida de pessoas gordas, observa e comenta os hábitos alimentares dessas pessoas, acredita ter intimidade para dar dicas e sugestões como se ninguém o tivesse feito antes? Você faz comentários e chacotas para ridicularizar e fazer a pessoa gorda sentir-se mal? Se sim, você está sendo gordofóbico!

#### **Você é gordofóbico quando:**

- Associa pessoas gordas a comida, especialmente comida gordurosa e calórica
- Usa a expressão gordice
- Dá dicas de dieta ou exercícios sem ser solicitado
- Lança olhares de nojo para pessoas gordas comendo ou fica reparando o que elas vão comer
- Aborda que pessoas gordas não sofrem de transtornos alimentares como anorexia
- Associa pessoas gordas a sedentarismo
- Usa discurso de saúde para justificar o comentário gordofóbico
- Elogia pessoas que emagreceram (sem saber o motivo)
- Não assume relacionamento com uma pessoa

gorda ou sequer conseguiria se imaginar em um

- Pensa que uma pessoa gorda será mais “fácil” de conquistar ou que ela deve “se esforçar” no sentido sexual para compensar não ter um corpo padrão
- Espera que a pessoa gorda seja sempre simpática/engraçada, que tenha comportamento estereotipado
- Subestima intelectual, sexual e/ou fisicamente uma pessoa gorda
  - Critica roupa e estilo de pessoas gordas
  - Diz (e pensa) que certas coisas não são para gordos (como tatuagem, cabelo curto, etc)
- A qualquer grama que você ganha tem ataque de nervos
  - Silencia uma pessoa gorda, ou compara o bullying por ser uma pessoa magra com gordofobia
  - Nega a existência de privilégio magro
  - Dá risada ou acha graça de pessoas gordas
  - Fala que a pessoa tem um “rosto bonito” mas deveria emagrecer
  - Duvida da capacidade de controle e estabilidade emocional de uma pessoa gorda (porque só “dessa maneira” ela teria engordado).
  - Elogia pessoas que emagreceram (sem saber o motivo)
- Não assume relacionamento com uma pessoa gorda ou sequer conseguiria se imaginar em um
  - Pensa que uma pessoa gorda será mais “fácil” de conquistar ou que ela deve “se esforçar” no sentido sexual para compensar não ter um corpo padrão
  - Espera que a pessoa gorda seja sempre simpática/engraçada, que tenha comportamento estereotipado
  - Subestima intelectual, sexual e/ou fisicamente uma pessoa gorda
    - Critica roupa e estilo de pessoas gordas
    - Diz (e pensa) que certas coisas não são para gordos

(como tatuagem, cabelo curto, etc)

- A qualquer grama que você ganha tem ataque de nervos
  - Silencia uma pessoa gorda, ou compara o bullying por ser uma pessoa magra com gordofobia
  - Nega a existência de privilégio magro
  - Dá risada ou acha graça de pessoas gordas
  - Fala que a pessoa tem um “rosto bonito” mas deveria emagrecer
  - Duvida da capacidade de controle e estabilidade emocional de uma pessoa gorda (porque só “dessa maneira” ela teria engordado)

**Também é gordofóbico quando faz comentários como:**

- “Por isso que tá gorda”
- “Nossa, queria ser assim como você e não me importar com o que como!”
- “Uma amiga da amiga da minha amiga toma um remédio que ajuda a emagrecer, por que você não procura?”
- “Mas você era tão linda, magrinha, não pensa em fazer uma dieta?”
- “Basta ter foco”
- “Já pensou em fazer exercício?”
- “Você está acima do PESO IDEAL”
- “Não tô falando por estética, tô falando por saúde. Só quero seu bem.”
- “Você não pensa em fazer bariátrica?”
- “Gosto de ter onde pegar” Homem sendo homem
- “Ser gorda tudo bem, mas, gorda chata, não. Tem que ser cheirosa e legal”
- “Ele viu a beleza interior dela” “Ela é inteligente e legal. Por isso ele está com ela.”
- “Me trocou por aquela gorda?”

40

- “Gorda com piercing no umbigo e barriga de fora é demais, né?”
- “Preto emagrece, listra engorda, short não te cai bem, tira o biquíni põe o maiô”
- Pega esse tamanho menor que vai ficar ótimo”.
- “Ah, imagina, você não parece que veste GG”
- “Ai amiga tô enormeeeeeeee de gordaaaaaaaa!!!!”
- “Ai vou ficar te devendo, não temos nada do seu tamanho.”
- “Fofinha, cheinha, excesso de fofura, gordinha e afins”
- “Imagina, você não é gorda. Você é forte.”
- “Nossa, fulana tá um bujão!”



41

## Parte 5

*Meu corpo gordo não precisa do seu padrão*

*A moda tornou-se mais tolerante. A beleza, ao contrário, tornou-se mais despótica, autoritária e inflexível.*

*(LIPOVETSKY, 2016, p.12).*

Pessoas gordas passam por situações constrangedoras em casa, na rua, em aviões, transportes públicos, lojas de roupas e tantos outros ambientes por não caber em cadeiras, não encontrarem roupas que servissem, não passarem por catracas e etc. Não é difícil notar que a disponibilidade de roupas para pessoas gordas é escassa ao passo que existe uma gama de tratamentos e procedimentos que cada dia evoluem mais para emagrecer essa pessoa.

A negligência médica pode levar à morte. Há muitos relatos de mulheres que sofreram gordofobia durante as consultas médicas, através de falas ofensivas de médicos despreparados, além da falta de acessibilidade nesse meio, como por exemplo, a falta de diversos equipamentos para exames com tamanhos adequados. Muitas pessoas gordas já deixaram de fazer uma consulta por não ter um avental do seu tamanho, por não caber na maca, ou dentro daquele equipamento para exames de imagem.

É fácil ver na internet, na televisão e em revistas, orientações dadas por profissionais da moda para auxiliar na camuflagem de “gordurinhas” e no afinamento dos corpos gordos escolhendo roupas específicas para este fim: as mais escuras, com listras verticais, cintas, entre outros.

A geração moderna de especialistas em moda luta por uma moda alcançável a todos, criticando este tipo de dica carregada de gordofobia e levantando a bandeira de diversidade entre os corpos. Algumas marcas têm como centro de suas campanhas a diversidade do corpo da mulher brasileira.

Nas redes sociais, ativistas gordas como nós, expressamos nossa insatisfação com o mercado da moda e a falta de corpos gordos que nos representem. Não é novidade lojas que tenham roupas de tamanhos maiores mas lojas especialistas, moda chamada plus size, desfiles e canais que destacam os corpos gordos é algo novo e que está em expansão no mundo. Porém, lojas assim só são encontradas nos centros urbanos e o preço das roupas é muito acima da média. É possível encontrar algumas marcas na internet mas geralmente são pequenas empresas que produzem em menor quantidade, tornando o

44

preço ainda mais elevado.

Observa-se também que muitas lojas dizem ser plus size, mas se uma numeração acima do tamanho 50 é solicitada, eles não possuem. Parece que dessa numeração em diante a loja não quer que pessoas gordas maiores vistam nas ruas seus modelos. É outro exemplo de gordofobia.



45

### Parte 5.1

*Essa moda não me veste*

*É difícil sempre estar feliz  
É difícil estar feliz  
Com tanta cicatriz  
É difícil se amar sendo excluída  
Olhar pra Tv  
E ainda ver paquitas*

*Cadê as gays?  
Cadê as pretas?  
Cadê as gordas?  
Nas capas das revistas*

*Levanta Mina - Mc Carol*

Mulheres realmente gordas, com corpos de verdade, barriga, celulite, pele mole, braços grandes, gordura e coxas grossas fazem falta na publicidade e nas marcas que dizem ser para mulheres maiores. O que se vê são corpos padrões, a gorda que pode ser socialmente aceita, que não tem barriga, que tem cintura fina e corpo firme, branca e alta.

As modelos plus size que aparecem na mídia geralmente são as que vestem do 46/48 ao 50, no caso, não são as gordas maiores mas sim as menores. A mulher gorda pode vestir além desses números usados pelas modelos. O ativismo gordo procura romper com o padrão instituído pela moda, tanto de beleza, cabelo, unhas, cores e corpos.

Para ser um corpo representativo, parece que precisa ser um corpo que vende, o corpo marketing é o corpo bonito. Ainda que haja um corpo gordo presente nas mídias, ele tem um limite de tamanho aceitável. Isso é visto como natural e é enfatizado pela ciência, pelas culturas e tradições que duram como um corpo deve ser, construindo desta forma o preconceito atemporal com falas como: “Essa modelo plus size é idêntica a todas as mulheres maiores do país”.

Lojas da internet que vendem roupas de numeração acima de 54 tem probabilidade de que o responsável da marca tenha algum tipo de relação próxima com o corpo gordofobia, fazendo com que haja preocupação em disponibilizar roupa com diferentes cortes e cores, que sirvam para a pessoa gorda, logo, são pessoas gordas confeccionando roupas para pessoas gordas. Muitas vezes as donas dessas lojas buscam criar modelos para os corpos maiores, sem qualquer julgamento ou preconceito.

As pessoas magras que criticam pessoas gordas por comprarem em lojas fast fashion por causa da falta de sustentabilidade não compreendem a falta de acesso, opções e acesso em outras lojas. O direito amora também pertence ao gordo. Muitas vezes há dificuldade em vestir-se conforme o estilo que a pessoa gosta, pois o que está disponível é somente aquilo que serve.

Um outro problema é a questão que envolve os uniformes,



escolares e de trabalho. A ausência de números maiores causam constrangimento, agregado ao fato de o valor da peça aumentar e constantemente não ficar como as outras.

Tudo o que é imposto para que se chegue ao corpo dos sonhos e magro e toda a repulsa que quem está à procura desse corpo direciona a quem não o faz começa a ser visto e questionado pelas mulheres bordas que estão exaustas de tentar conseguir essa mudança no corpo e por mulheres que não querem mais estar nesse movimento que causa humilhação e dor.

Não caber nas roupas em um mundo em que a roupa define o modo em que você se apresenta na sociedade é também uma falta de respeito e acesso.

Até mesmo dentro da família, onde os laços íntimos são mais próximos as pessoas podem ultrapassar o limite do respeito, julgando o familiar gordo como incapaz, preguiçoso e, por vezes, motivo de vergonha, fazendo com que sua presença seja evitada e rejeitada em celebrações familiares.

A mulher gorda perde oportunidades de emprego, recebe olhares maldosos de pessoas que mal conhece, é excluída e rejeitada, muitas vezes até em seu ambiente familiar. Tudo isso fazendo com que ela se torne isolada, retraída e solitária para evitar que passe por situações de constrangimento e desconforto.



## Parte 6

### *O meu corpo não é objeto de prazer*

*Já me perdi tentando me encontrar  
Já fui embora querendo nem voltar  
Penso duas vezes antes de falar  
Porque a vida é louca, mano  
A vida é louca*

*Sempre fiquei quieta, agora vou falar  
Se você tem boca, aprenda a usar  
Sei do meu valor e a cotação é dólar  
Porque a vida é louca, mano  
A vida é louca*

*Me perdi pelo caminho  
Mas não paro não  
Já chorei mares e rios  
Mas não afogo não*

**Iza - Dona de mim**

Na atualidade, com a presença da internet, corpos sexualizados são divulgados e comercializados em diversas plataformas digitais. Pesquisas mostram que o corpo de mulheres gordas, outra hora rejeitados na sociedade, quando em ambiente privado como na internet, são requisitados e escolhidos como objeto de prazer e satisfação sexual. O corpo gordo e comidas gordurosas muito temidas, no contexto da pornografia, são vistos e apreciados. O desejo erótico e a busca por mulheres gordas está atrelado a excessos, seja pelo tamanho do corpo, seja pela abundância alimentar, onde muitos filmes introduzem alimentos como estimulador erótico para as cenas com estas mulheres.

Dentro desse contexto de uma sociedade sempre pronta para excluir e repudiar o corpo gordo, a mulher gorda precisa de mecanismos para defender-se desses ataques e posicionar-se enquanto mulher, merecedora de respeito e liberdade para ser quem quiser, ter o corpo que desejar e ser feliz.



**Parte 7***Ame suas curvas*

*Sou feminista, artista, realista  
Resista, insista, seja estrategista  
Não vamos se esconder, a gente existe  
Agora senta, aceita e me assiste*

*Assiste a gente se amando na praça  
Assiste a gente de biquíni na praia  
Assiste a gente dançando na balada  
Assiste a gente feliz e casada*

***Levanta Mina - Mc Carol***

O Body Positive é um movimento que procura desconstruir a imposição da estética padrão, motivando o amor próprio, amor ao corpo com suas diferenças e características únicas. O movimento teve origem nos Estados Unidos da América ao fim da década de 1990 por Connie Sobczak e Elizabeth Scott.

É possível fazer relações entre o body positive e o ativismo gordo, mas não se pode afirmar que são as mesmas lutas, neste caso, é importante conhecer ambas as causas para não confundí-las. Body positive é para todos os corpos, a luta é contra o padrão de beleza relacionado também à moda, às características únicas de beleza de cada pessoa e relacionado também à autoestima. Já o ativismo gordo vai além de aceitar o corpo que você tem, o ativismo se posiciona contra o ódio e repulsa ao corpo gordo, contra a patologização e falta de acessibilidade que é constantemente direcionada a estes corpos.

O ativismo gordo ajuda mulheres a pensar e enxergar seu próprio corpo, não é um movimento fixo e cheio de regras, na verdade, existem muitas formas de ativismo gordo e muitas bandeiras são levantadas. Cada mulher gorda tem o seu processo de aceitação, cada corpo se reinventa em seu tempo e possui suas fases dentro do ativismo gordo. Faz parte do movimento feminista a conscientização da mulher a respeito do corpo que tem e a libertação dos padrões estéticos. No ano de 1973 foi escrito o primeiro documento que abordou o ativismo gordo, escrito por Judy Freespirit e Aldebaran.

Através da internet, o Body Positive e outras formas de ativismo a favor da aceitação corporal se propagam. Muitos canais do Youtube, blogs, sites e perfis do instagram estão engajados na causa a favor do autoconhecimento e da valorização da própria história, cultivo do amor aos corpos reais, e não aos corpos produzidos pela indústria com um padrão de beleza inalcançável.

Existe a discussão no Brasil a respeito da qualificação “Gordas Menores” e “Gordas Maiores”, possibilitando assim, escancarar a opressão ainda mais firme sobre a “gorda maior”. Quanto mais gorda, maior a gordofobia e falta de acessibilidade sofrida, logo, algumas mulheres gordas sofrem mais e outras

56

menos, mesmo assim, todas sofrem. Pautas como beleza, auto aceitação e moda alcançam mais mulheres e consequentemente, vendem mais. Nesse sentido, as gordas maiores acabam se tornando invisíveis.

Para além do “ser gorda” outros fatores são somados dependendo das características de cada mulher, por exemplo, ser negra, ser lesbica, ser pobre, dentre outras particularidades, elevam ainda mais o grau de dor e sofrimento sobre esta mulher. Cada mulher gorda tem seu lugar de fala e deve refletir sobre seus privilégios entendendo que, ao lado da gordura, existem outras formas de opressão que excluem e magoam. Reconhecer tais particularidades e dores que complementam a gordofobia para apoiar cada um desses tipos de exclusão faz parte do ativismo gordo feminista. Este é um processo, uma construção, que requer tempo e paciência.



*It's hot up in here  
DJ, don't be scared to run this, run this back  
I'm repping for the girls who taking over the world  
Help me raise a glass for the college grads*

***Run The World (Girls)***<sup>4</sup>

## Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a todas as pesquisadoras e pesquisadores gordos que, antes de mim, ousaram desenvolver os temas abordados neste trabalho, por tratarem da temática do corpo gordo colocando-se como protagonistas ao fazer pesquisa/ciência.

Agradeço à minha mãe, Juliana Cássia Benfica, e ao meu pai Luciano Roberth da Silva Montalvão, que sempre estiveram ao meu lado em todas as horas, sendo a minha base. Ao meu companheiro de sonhos e lutas, Felipe dos Santos Fernandes, com quem compartilho tudo da vida.

Os meus irmãos, José Lucas Benfica Maciel e Eduardo Benfica Montalvão, estiveram ao meu lado em todos os momentos e sou extremamente grata pela vida deles, eles fazem tudo se tornar mais leve.

Com muito carinho, agradeço a minha amiga Bruna da Silva Lima, que me ajudou muito no trabalho, virou muitas noites me ajudando e confiou na minha ideia. À Camila Fuly Glatthardt, por ter topado ser a minha musa inspiradora, virando a personagem principal da história.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial a Isabela Cristine Leite de Souza, que mesmo de longe, é a minha melhor amiga e companheira.

Agradeço à professora e orientadora Daniela Garrossini, que fez essa proposta de projeto ser possível e me incentivou a dar o meu melhor.

Gratidão à Universidade de Brasília pelo acolhimento durante todos esses 5 anos sendo graduanda.

## Traduções

<sup>1</sup>*Eu sempre fui um tipo de garota  
Que escondia meu rosto  
Com medo de dizer para o mundo o que eu tenho que dizer  
Mas eu tenho esse sonho bem dentro de mim  
Eu vou mostrar isso  
Essa é a hora  
De deixar você saber  
De deixar você saber*

*Isso é real, essa sou eu  
Eu estou exatamente onde eu deveria estar, agora  
Vou deixar a luz brilhar em mim  
Agora encontrei quem eu sou  
Não há nada que possa me prender  
Chega de esconder quem eu quero ser  
Essa sou eu*

*Você sabe como é  
Sentir-se em meio a escuridão  
Sonhar com uma vida onde você é uma estrela brilhante  
Mesmo parecendo  
Que isso está longe demais  
Eu tenho que acreditar em mim mesma, é a única maneira*

***This Is Me - Camp Rock (Feat. Joe Jonas and Demi Lovato)***

<sup>2</sup>*Não sou uma dama se não uso meia-calça?  
Minha mãe disse que uma dama não é o que ela usa,  
e sim o que ela sabe  
Mas eu tirei uma conclusão: é tudo uma ilusão  
confusão é o nome do jogo  
Um erro, uma vasta decepção  
Algo deve mudar  
Não se ofenda, é o que penso  
Nada do que eu digo é lei  
É uma verdadeira confissão de uma lição aprendida na vida*

*eu fui enviada para dividir com vocês  
Então entre onde você se encaixa e brilhe  
Libere sua mente, agora é o tempo  
Ponha seu sal no lugar. Vá e se ame  
Porque tudo vai ficar bem*

**Vídeo - India.Arie**

<sup>3</sup>*A beleza machuca  
Evidenciamos o que temos de pior  
A perfeição é a doença da nação  
A beleza machuca  
Evidenciamos o que temos de pior  
Tente reparar algo  
Mas você não pode reparar o que não consegue ver  
É a alma que precisa de cirurgia  
Cabelo loiro, seios pequenos  
A Tv diz que quanto maior, melhor  
Praia do Sul, sem açúcar  
A moda diz  
Que mais magra é melhor*

**Pretty Hurts- Beyoncé**

<sup>4</sup>*O clima está fervendo aqui  
DJ, não tenha medo de mandar essa, mandar essa de novo  
Represento as garotas que estão dominando o mundo  
Me deixe fazer um brinde às graduadas*

**Run The World (Girls)**

## Referências Bibliográficas

Alves, Branca/ Pitanguy, Jacqueline: O que é feminismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Garcia, Cristina: Breve história do feminismo. São Paulo: Editora Claridade, 2018.

Garcia, Gabriella, et al: A adaptação e representatividade do corpo gordo em Dumplin. Belém: Revista de Comunicação e Cultura da Faculdade Estácio do Pará, 2020.

Jimenez, Maria: Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. Mato Grosso: Revista Epistemologias do Sul, 2020.

Jimenez, Maria: Mulheres gordas: gordofobia e falta de acessibilidade como questão moral. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

Jimenez, Maria/ Silva, Marcelle: Feminismo Gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. Revista Ártemis, 2021.

Jimenez, Maria: Se liga: body positive NÃO é ativismo gordo! Todas Fridas, 2020.

Marques, Melani/ Xavier, Kella: A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. Espírito Santo: 2018.

Matos, Cynthia/ Lopes, Humberto: Sociedade gordofóbica. Dobra[S] - Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, 2021.

Nechar, Patrícia: Diversidade de corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento plus size. Santa Catarina: 2018



64

Oliveira, Laís/ Cassab, Latif: O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. Londrina-PA: 2014.

Pereira, Bruna/ Oliveira, Pedro: Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. São Paulo, 2016.

Rangel, Natália: A EMERGÊNCIA DO ATIVISMO GORDO NO BRASIL. Florianópolis, 2017.

Reis, Maria: Corpos Políticos: a importância da estética em meio à construção das narrativas de mulheres negras e gordas. Revista Científica Gênero na Amazônia, 2019

Sarti, Cynthia: O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, 2004.

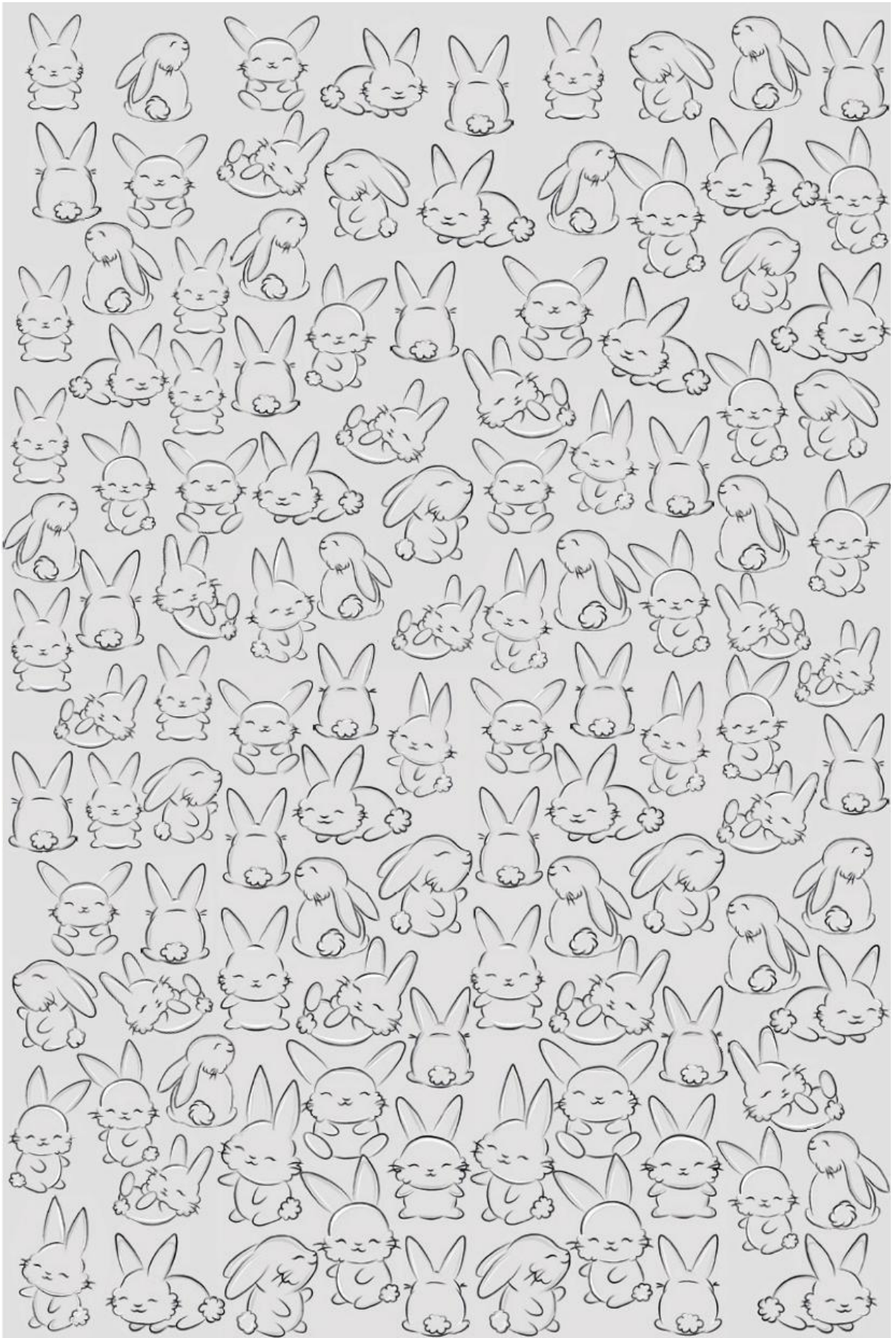
Silva, Renata: Entre nós, quem cabe na dança? A bailarina gorda ocupa o espaço. ABRACE, 2021.

Vaz, Paulo/ Sanchonete, Nicole/ Santos, Amanda: “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no youtube. Lumina, 2018.

Vianna, Mônica: O PESO QUE NÃO APARECE NA BALANÇA: sofrimento psíquico em uma sociedade obesogênica e lipofóbica. Rio de Janeiro: POLEM!CA, 2018.

*Este livro foi desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Jullia Roberth Benfica Montalvão, formanda do curso de Design na Universidade de Brasília em Maio de 2022.*







## Formulário de pesquisa:

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

### Criação de Personagem para TCC de Design

Este formulário foi criado com o intuito de conhecer um pouco sobre a vida da criadora de conteúdo Camila Glatthardt. Essas informações vão ser necessárias para criar a personagem principal do livro que vai ser criado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da aluna Jullia Roberth Benfica Montalvão, graduanda do curso de design na Universidade de Brasília. O livro vai abordar sobre o feminismo e mostrar como a gordofobia esta atrelada a ele.

E-mail \*

camila.glatthardt@gmail.com

Vamos começar com o Perfil Básico!

Após o Perfil básico, o formulário vai estar dividido em três camadas:

- 1- A camada exterior, relacionada à aparência e parte da personagem
- 2- Os arredores, relacionados ao passado e experiências da personagem
- 3- O núcleo, relacionado às características psicológicas da personagem

1- Nome completo \*

Camila Fuly Glatthardt

2- Idade \*

22

3- Local de nascimento/cidade natal e aonde mora atualmente? \*

Rio De Janeiro

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

4- Escolaridade e profissões: \*

Cursando Ensino Superior

1- Agora vamos para a camada exterior, que esta relacionada à aparência e porte da personagem. Essa etapa tem tudo a ver com como a personagem se move, como fala, e como é a sua aparência.

Altura e peso: \*

1,73 cm e 115kg

Características marcantes (tatuagens, piercings, cicatrizes, marcas de nascença): \*

Piercing no nariz, tragus, hélix, 3 brincos na orelha. Pinta próxima ao olho esquerdo e na barriga do lado direito.

Qual é a cor dos seus olhos, a cor do seu cabelo, a textura do cabelo e o comprimento do cabelo? \*

Olhos e cabelos castanho médio. Mecha loira na frente. Cabelo liso e longo.

Usa óculos e acessórios frequentes (anéis, cordão, aliança)? \*

Uso óculos.

Você tem um estilo de roupa? Poderia descrever um pouco sobre? \*

Estilo moderno, acompanhando as tendências. Gosto de usar roupas pretas e tênis, blusas xadrez, cropped e vestidos de mangas bufantes. Prefiro usar mochila do que bolsa.

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Seu jeito de andar é: \*

- Confiante
- Arrastado
- Apressado
- Distraído
- Tímido
- Outro: .....

Maneirismos marcantes: \*

Mexo muito no cabelo e roo unhas. ....

Como é sua letra (bonita, torta, ininteligível)? Descreva: \*

Bonita e legível. ....

Sofre de doenças crônicas? Tem alguma alergia? Tem alguma deficiência? \*

Não. ....

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Agora vamos fazer perguntas relacionadas a comunicação. Qual é o seu estilo de fala? \*

- Formal
- Educado
- Cheio de gírias
- Outro: Com algumas gírias.

Tem sotaque? Se sim, de onde? \*

Sotaque carioca.

Ritmo de fala (rápido, lento, eloquente, arrastado, etc.): \*

- Rápido
- Lento
- Eloquente
- Arrastado
- Outro: \_\_\_\_\_

Tom de voz: \*

- Mediloso
- Grave
- Agudo
- Outro: \_\_\_\_\_



02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Quando fala: \*

- Gesticula o tempo inteiro
- Só gesticula quando está agitada ou ansiosa
- Faz gestos comedidos, apenas para dar ênfase
- Não costuma gesticular
- Outro: \_\_\_\_\_

Nível de contato visual (sempre olha nos olhos, evita olhar...)? Descreva: \*

Só consigo olhar nos olhos se eu me sentir confortável com a pessoa com quem converso. \_\_\_\_\_

Vícios de linguagem: \*

Falo muito "tipo", "tipo assim", "cara" \_\_\_\_\_

Palavrões preferidos? \*

"porra", "puta que pariu", "caralho" \_\_\_\_\_

Como é sua risada? E o que o(a) faz rir? Descreva seu sorriso: \*

Baixa e calma, geralmente eu rio com qualquer coisa e muitas vezes quando fico sem graça. \_\_\_\_\_

O quão fácil é perceber o que você está sentindo ou pensando? \*

Quando estou feliz é bem perceptível mas quando estou triste ou preocupada não expesso tanto. \_\_\_\_\_

2- É nesta etapa que aprofundamos no ambiente em que a personagem cresceu e como ele pode ter moldado a sua

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

identidade. Trata-se da biografia, do histórico da personagem.

Como foi sua criação? Era mimada, seus pais eram rígidos, seus pais eram presentes ou ausentes comente sobre: \*

Pais rígidos e religiosos. Minha família é muito presente e tenho um bom relacionamento com eles. Sou mais íntima da minha mãe e minhas duas irmãs mais velhas (27 e 25 anos) e com meu me relaciono bem mas não conto da minha vida pessoal.

Participava de projetos escolares e atividades extracurriculares (esportes, cursos, teatro, etc)? \*

Curso de inglês.

O que queria ser quando crescesse? Quem foram seus ídolos na juventude? \*

Sempre tive dúvida do que realmente eu queria ser quando crescesse então nunca soube o que queria. Eu era muito fã de Justin Bieber, One Direction e Selena Gomez.

Quais hobbies tinha quando criança/adolescente? \*

Gostava de escrever histórias e tinha um blog que falava sobre música, ídolos e sobre minha vida.

Comente sobre os eventos marcantes da sua infância: Ex: Primeira memória, memória mais triste, memória mais feliz, lembrança mais marcante.. \*

Quando eu era criança levei 7 pontos na testa porque estava apostando corrida na sala de aula e bati com a testa na maçaneta. Minha memória mais feliz era quando eu e minhas irmãs tomávamos banho de mangueira no quintal de casa. Memória mais triste foi quando meu pai viajou e ficou 6 meses fora, eu quando criança era muito ligada com ele.

Que conselho daria para o seu eu mais jovem? \*

Tenha suas próprias opiniões e não ligue para o que os outros digam ou pensem de você.

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Pense nos familiares mais próximos e/ou importantes para você e, indique 3 e para cada um deles, preencha esse modelo de ficha: 1-Idade (se vivo), 2-profissão e 3-como é seu relacionamento com a ele(a)? \*

1- Gabriela, irmã mais velha, 27 anos e psicóloga. Tenho um relacionamento muito bom, somos além de irmãs, amigas e nos damos super bem.

2- Rafaela, irmã do meio, 25 anos e futura médica. Nosso relacionamento também é muito bom, somos amigas, saímos juntas e contamos tudo uma para a outra.

3- Simone, minha mãe, 50 anos e dona de casa. Conto tudo pra ela e somos bem íntimas. Temos nossas diferenças mas nada que atrapalhe o convívio.

Como você descreve a situação econômica da sua família? \*

Sou de uma família classe média alta.

Com que frequência você encontra a família? \*

Eu moro com eles. Os outros parentes vejo uma vez no mês.

Descreva 3 de seus melhores amigos(as) e descreva duas outras relações relevantes: \*

1- Isadora é confiante, forte e não é de falar muito com quem não tem intimidade. Nós nos ajudamos ao máximo e sempre estamos presentes na vida uma da outra. Falamos sobre tudo, nada é tabu entre a gente e somos muito livres.

2- Edivânia é doidinha, ela fala o que pensa e não está nem aí para o que os outros pensam. Sempre demonstra o que está sentindo e nossa relação é sempre muito animada e divertida. Gostamos de sair pra dançar, beber e fofocar.

3- Inês, muito comunicativa e inteligente. Tenta sempre deixar o clima mais leve e divertido. É forte mas não tem vergonha de demonstrar seus sentimentos. Nossa relação é sempre muito divertida e nos aconselhamos sempre.

4- Taís, não é nada discreta e muito expressiva. Quando não gosta de alguém ou um lugar fica bem claro. Tem uma risada alta e é bem humorada. Sempre damos suporte uma a outra e podemos falar sobre tudo. Uma fofoca é sempre bem vinda.

Tem inimizades? Se quiser comentar sobre, fique a vontade \*

Não, costumo me dar bem com todo mundo e não guardar rancor.

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Quais redes sociais você usa e para quê? \*

Instagram: é fácil de me relacionar com as pessoas e acompanhar amigos. Também é o meu trabalho.  
Tiktok: consumo muito conteúdo de lá, vídeos leves e engraçados para passar o tempo.  
Twitter: mais para acompanhar artistas e fofocas.

Você utiliza aplicativos de relacionamento? Se sim, como é o seu perfil? Se não, como seria? \*

Sim. Essa é a minha bio: " Faço publicidade e sou influenciadora. Tenho uma coelha rebelde chamada Frederica. Simpática e tranquilinha. Libriana né mores! Pinto meu cabelo de acordo com o meu humor. Vamos normalizar a palavra gorda porque eu sou uma grande gorda gostosa. @camilaglatthardt"

Para quem você pediria: 1-conselhos? 2-Ajuda com questões de trabalho ou estudo? 3-Companhia para ir a festas? 4- Apoio emocional? 5- Apoio moral? \*

- 1- Amigos
- 2- Minha psicanalista
- 3- Amigos ou minhas irmãs
- 4- Minha psicanalista, amigos e irmãs
- 5- Psicanalista

Você é comprometida? Se sim, descreva seu/sua parceiro(a). Se não é, Como seria seu/sua parceiro(a) ideal? \*

Estou solteira. Alguém que me faça companhia e que tenha os mesmos interesses que eu. Goste de sair e também de ficar em casa, goste de praia e que entenda o meu trabalho.

3- Chegamos no centro da essência de sua personagem. Aqui, falamos sobre suas características psicológicas. Quem ela realmente é por dentro.

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Seu humor habitual é: \*

- Alegre
- Desanimada
- Estressada
- Sempre oscilando
- Neutro
- Outro: .....

Quais são os seus estilos musicais favoritos?

Sou muito eclética mas costumo ouvir mais pop.

Quais são as suas cores favoritas?

Preto e vermelho

Maior defeito? Melhor qualidade? Maior medo?

Meu maior defeito é procrastinar. Maior qualidade é empatia. Maior medo é perder as pessoas que amo.

Qual é a sua maior conquista e o que ainda deseja conquistar?

Minha maior conquista foi o meu trabalho influenciando pessoas. Desejo alcançar ainda mais pessoas e ajuda-las a conquistarem autoestima e amor próprio.

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Sofre de algum transtorno ou distúrbio mental (depressão, ansiedade, etc.)? Se sim, como isso afeta seu cotidiano?

Já tive depressão durante 3 anos mas me recuperei. Hoje sofro com ansiedade mas trabalho muito isso na terapia cuidando da minha saúde mental. Geralmente me afeta mais quando estou preocupada e estressada.

Deseja ser lembrada na posteridade? Pelo quê?

Não tenho esse anseio de ser lembrada mas tenho um propósito que é ajudar outras mulheres a se amarem.

Alguma causa social é importante para você? Quais?

Apoio à mulheres vítimas de violência

Causa LGBTQIA+

Empoderamento Feminino

Causas Raciais

Qual o seu alinhamento político?

Sou de esquerda

Liste os 3 livros que gosta e liste as suas 3 séries preferidas

Livros

1- A síndrome da boazinha

2- 7 maridos de Evelyn Hugo

3- Feminismo Branco

Séries

1- My mad fat diary

2- Anne with an E

3- Bridgerton

02/05/2022 20:57

Criação de Personagem para TCC de Design

Qual o seu maior objetivo de vida? Qual a sua motivação?

Conquistar minha independência. Minha maior motivação sou eu.

Qual o seu maior sonho?

Conhecer e viajar o mundo.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários